

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
MINAS GERAIS - *CAMPUS* OURO PRETO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Roberto dos Santos

**ANTÔNIO PEREIRA, UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA
EVIDENCIANDO O SUJEITO E O LUGAR.**

Ouro Preto

2024

ROBERTO DOS SANTOS

**ANTÔNIO PEREIRA, UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA
EVIDENCIANDO O SUJEITO E O LUGAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, *Campus* Ouro Preto, para a obtenção do grau de licenciado em Geografia. Orientador: Ramon Coelho Duarte

Ouro Preto

2024

S237a Santos, Roberto dos.
Antônio Pereira, uma análise fenomenológica evidenciando o sujeito e o lugar [manuscrito] / Roberto dos Santos. – 2024.
69 f. : il.

Orientador: Ramon Coelho Duarte.
Trabalho de Conclusão de Curso (licenciatura) – Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto, 2024.

1. Sentimento de lugar. 2. Fenomenologia. 3. Antônio Pereira (Ouro Preto, MG). I. Duarte, Ramon Coelho. II. Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto. III. Título.

CDU: 114

Catálogo: Kelly Cristiane Santos Morais - CRB-6/3217



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS
Campus Ouro Preto
Diretoria de Ensino
Docência de Área de Geografia
Rua Pandiá Calogeras, 898 - Bairro Bauxita - CEP 35400-000 - Ouro Preto - MG
- www.ifmg.edu.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

Roberto dos Santos

ANTÔNIO PEREIRA, UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA EVIDENCIANDO O SUJEITO E O LUGAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal Minas Gerais – *Campus* Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Aprovado em: 09 de fevereiro de 2024 pela banca examinadora:

Prof. Dr. Ramon Coelho Duarte (Orientador, IFMG campus Ouro Preto)

Prof. Dr. Igor Rafael Torres Santos (IFMG campus Ouro Preto)

Prof. Me. Gabriel Rodrigues da Silva (IFMG campus Ouro Preto)

Ouro Preto, 09 de fevereiro de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Ramon Coelho da Cruz, Professor**, em 15/02/2024, às 15:08, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Gabriel Rodrigues da Silva, Professor**, em 20/02/2024, às 20:22, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Igor Rafael Torres Santos, Professor**, em 20/02/2024, às 21:02, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Dedico esse meu trabalho a Deus pai e criador do céu e da
terra que teceu todos os meus passos.

A Nossa Senhora da Lapa que segurou a minha mão nos
momentos de fraqueza. Ela que Deus recomendou cuidar de
mim. A minha família que caminhou junto comigo.

Dedico ao meu orientador Ramon, sua presença já era um grande ensinamento.

Aos meus colegas de turma que foram extraordinários.

A Clarissa Fernandes professora de libras que faleceu durante o curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, porque nas lutas diárias era ele quem segurava a minha mão, a Nossa Senhora da Lapa, a quem recorri inúmeras vezes me fazendo pequeno, pedindo que intercedesse por mim. Eu que precisava de força e vigor.

Quero agradecer primeiramente aos professores da CODAGEO, depois estendo esse agradecimento a todos os outros que estiveram comigo nessa caminhada. Docentes que com competência fizeram com que eu e a Geografia nos tornássemos uma só alma.

Agradeço a Geografia que me possibilitou compreender fatos da minha existência, que me credencia a ajudar outras pessoas a compreenderem também. Geografia do relevo, do clima, da vegetação, da população, dos espaços vividos, das relações interpessoais. Geografia da minha vida.

Agradeço a minha enciclopédia vermelha, que me fez gostar de geografia, foi ela que me disse que Neil Armstrong em 1969 havia pisado na lua. Daí em diante eu não mais a abandonei.

Agradeço aos anônimos que confiaram em mim, pessoas que sem me conhecerem já diziam que eu conseguiria.

Agradeço ao Instituto Federal de Minas Gerais *Campus* Ouro Preto por ser o espaço em que pude realizar esse sonho. Lugar das inteirações, palco de intenso saber.

Agradeço ao Ramon Coelho Duarte, meu orientador, meu mestre, minha inspiração. Professor que vai além das palavras na arte de ensinar.

Agradeço aos alunos que encontrei apenas em uma disciplina, e que foi o suficiente para estabelecer laço de amizade.

Agradeço a minha família que esteve comigo em todos os momentos desta caminhada.

Agradeço também ao pessoal do meu trabalho prédio do NUPEB na UFOP, que sempre me apoiaram nessa minha caminhada acadêmica.

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa.
Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.
Paulo Freire

RESUMO

“Antônio Pereira, uma análise fenomenológica evidenciando o sujeito e o lugar”, tem como objetivo identificar no comportamento dos moradores de Antônio Pereira distrito de Ouro Preto estado de Minas Gerais, evidências que comprovam seu pertencimento ao lugar.

Para chegar aos resultados esperados foi adotado a entrevista semiestruturada como método de obtenção de dados. Foi utilizado também materiais enviados espontaneamente pelos moradores, que desejosos de contribuir com a pesquisa, gravaram áudios, enviaram fotos que constituíram elementos de relevância para a pesquisa.

Foram oito entrevistados de 18 a 92 anos que em seus relatos transformaram o passado e o presente em um só tempo. A emoção de reviver momentos importantes do passado, de contar detalhes de suas experiências de vida, de deixar fluir os sentimentos, fundiram-se com os sentimentos dos mais jovens que declaravam amor ao lugar, mesmo admitindo a possibilidade de sair de Antônio Pereira, eles sempre tinham o distrito como destino final.

Os caminhos da fenomenologia nos guiaram nessa pesquisa, onde o estudo da afetividade, do amor, do sentimento de pertencimento, da topofilia, topofobia, da evocação das memórias, foram primordiais para a compreensão do momento em que o espaço ocupado pelos moradores se transformava em lugar.

Havemos de considerar as riquezas minerais que integram o solo do distrito, isso é inegável, contudo, a pesquisa nos conduziu a um espaço intáctil, onde a imaterialidade permeou todo o trabalho.

O resultado foi emocionante e culminou na certeza de que o patrimônio maior de Antônio pereira é o seu povo.

Palavras chaves: Sentimento de pertencimento; fenomenologia; lugar; Antônio Pereira; Ouro Preto – MG.

ABSTRACT

“Antônio Pereira, a phenomenological analysis highlighting the subject and the place”, aims to identify in the behavior of the residents of Antônio Pereira, district of Ouro Preto, state of Minas Gerais, evidence that proves their belonging to the place.

To achieve the expected results, the Semi-structured interview was adopted as a method of obtaining data. Materials sent spontaneously by residents were also used, who, wishing to contribute to the research, recorded audio and sent photos that constituted elements of relevance to the research.

There were eight interviewees aged 20 to 92 who, in their reports, transformed the past and the present into a single moment. The emotion of reliving important moments from the past, of telling details of their life experiences, of letting feelings flow, merged with the feelings of the younger people who declared their love for the place, even admitting the possibility of leaving Antônio Pereira, they they always had the district as their final destination.

The paths of phenomenology guided us in this research, where the study of affectivity, love, the feeling of belonging, topophilia, topophobia, the evocation of memories, were essential for understanding the moment in which the space occupied by residents transformed into place.

We must consider the mineral riches that make up the district's soil, this is undeniable, however the research led us to an untouchable space, where immateriality permeated all the work.

The end result was exciting and culminated in the certainty that Antônio Pereira's greatest asset is his people.

Keywords: Feeling of belonging; phenomenology; place; Antônio Pereira; Ouro Preto – MG.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – visão aérea de Antônio Pereira - delimitação do perímetro.....	14
Figura 2 – vista aérea de Antônio Pereira - suas casas e adjacências	14
Figura 3 - Igreja queimada em Antônio Pereira área externa.	16
Figura 4 – Igreja queimada em Antônio Pereira área interna.....	16
Figura 5 – Adro da igreja por ocasião da chegada da luz elétrica.....	17
Figura 6 – Igreja das Mercês atualmente.....	17
Figura 7– Antiga rua Grande ainda com seus casarões.....	18
Figura 8 – Rua Grande atualmente.....	18
Figura 9 – Chalé de 1939 – Largo Santo Antônio.....	19
Figura 10 – Vista do Largo Santo Antônio.....	19
Figura 11 – Serra do Frazão	20
Figura 12 – Banda em 1938 – 1º fase.....	22
Figura 13 – Banda pós 1999 – 2º fase.....	23
Figura 14 – Sede antiga da Banda.....	23
Figura 15 - Nova sede da Banda.....	24
Figura 16 - Igreja de N. Senhora das Mercês, local onde passaram a ser celebrados os ofícios religiosos após o incêndio de 1830 na Matriz de N. S. da Conceição...25	
Figura 17 – Festa da Lapa, década 1930.....	26
Figura 18 –. Festa da Lapa, década 2023.....	26
Figura 19 – Interior da Gruta da Lapa com intervenções em alvenaria.....	27
Figura 20 – Igreja Assembleia de Deus	28
Figura 21 - Primeira Igreja Batista em Antônio Pereira.....	29
Figura 22 – Garimpo no leito do rio.....	31
Figura 23 - Nacional em 1966.....	34
Figura 24 - Nacional em 2023.....	34
Figura 25 - Nossa Senhora da Conceição da Lapa	36
Figura 26 - Adro da gruta da Lapa.....	36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

NUPEB – Núcleo de Pesquisas em Ciências Biológicas

UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto

JOSEMAM - Jovens Semeando Amor

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	1
1.1 – Objetivos	3
1.1.1 - <i>Objetivo geral</i>	3
1.1.2- <i>Objetivos específicos</i>	3
1.2 - Justificativa	3
1.3 - Metodologia	4
1- A RELAÇÃO: SUJEITO E LUGAR	7
1.1 - Fenomenologia	7
1.1.2 - <i>A redução fenomenológica (epoché)</i>	8
1.2 - Espaço e lugar	8
1.3-Topofilia e percepção	10
1.4- Topofobia	11
1.5 – Pertencimento	12
1.6 – Memórias	12
1.7- Afetividade	13
2 - CARACTERIZANDO O LUGAR – ANTÔNIO PEREIRA	14
2.1- Conhecendo Antônio Pereira	14
2.2 - Igreja queimada, monumento histórico e espaço das emoções	16
2.3 Rua Grande	17
2.4 – Serra do Frazão	19
2.5 - Lendas e causos	20
2.6 - Associação Musical Nossa Senhora da Conceição da Lapa	22
2.7 - A religiosidade	24
2.7.1 - <i>Visita de Dom Pedro II</i>	26
2.7.2 - <i>Assembleia de Deus</i>	28
2.7.3 - <i>Primeira Igreja Batista</i>	28
3 - ANTÔNIO PEREIRA E A NARRATIVA DE SEUS MORADORES	30
3.1 - O garimpo do ouro	31
3.2 - O esporte como elo de ligação e amor ao lugar	32
3.3 – Aqui é o meu lugar	34
3.4 -Religiosidade e tradição	36
3.4.1 – <i>Igreja Católica</i>	36

3.4.2 – Igreja Batista	38
3.4.3 – Igreja Assembléia de Deus.....	38
3.4.4 – Considerações sobre a religiosidade	38
3.5 - Os moradores partilhando suas memórias	39
3.6 - As considerações da juventude	41
4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
4.1 – Antônio Pereira que te quero sempre.....	47
REFERÊNCIAS.....	49
APÊNDICE I	53

1. INTRODUÇÃO

A geografia humanista trabalha a relação do ser humano com a natureza, procurando compreender os desdobramentos que respalda essa geografia, no sentido de que pelas vias do método fenomenológico possa fornecer elementos para uma nova e maior compreensão e entendimento das relações, sobretudo afetivas com o espaço geográfico.

Para Relph (1979), a abordagem principal dos pesquisadores humanistas é o mundo vivido, que é entendido por ele como o mundo das experiências e do sentido que os sujeitos dão a elas.

Nesse sentido, esse projeto visa traçar a trajetória do distrito ouro-pretano de Antônio Pereira, pontuando numa escala temporal os elementos que configuram esse território como espaço de vivência dos seus moradores.

Antônio Pereira é um distrito de Ouro Preto, no estado de Minas Gerais, localidade na qual, onde por volta do ano de 1700 (Prefeitura de Ouro Preto), o Capitão Antônio Pereira Machado, português nascido na Freguesia de São João de Caldas, Termo da Vila de Guimarães, Arcebispado de Braga, fugindo dos incômodos provocados pela crise de abastecimento que se estabeleceu entre os mineradores de Vila Rica no século XVIII, juntamente com seus mineradores encontraram um vale abundante em água e nele se estabeleceram. Nesse vale abundante surgiu Bonfim do Mato Dentro que, posteriormente passou a se chamar Antônio Pereira em alusão a seu descobridor.

Essa configuração de Antônio Pereira encontrada por seu descobridor, foi mencionada anos depois por Saint-Hilaire, botânico francês em expedição pelo Brasil de 1816 a 1822 a pedido do governo do seu país, que tinha como missão levantar informações sobre as riquezas do Brasil.

Saint Hilaire, relatou o seguinte nos seus escritos:

Os morros que a rodeiam são cobertos de uma relva pardacenta, e exibem a imagem da esterilidade; em todos os lugares em que o trabalho dos mineradores despojou a terra da vegetação, ela apresenta uma coloração vermelha escura; e as águas pouco abundantes do regato de Gualacha, que corre pelo vale, deixam ver seu leito de cor denegrida. É aí que está situada a povoação de Antônio Pereira, sede de uma paróquia muito extensa cuja população se eleva a cerca de 5.000 almas. Essa povoação, afastada duas léguas da cidade de Mariana, se compõe de umas cinquenta casas que foram bem construídas, mas que, na maioria, estão atualmente no pior estado. Cada casa é acompanhada de um pequeno jardim pouco cuidado, onde se veem plantados alguns pés de café, couves e bananeiras. Além disso não se percebe no campo o menor sinal de cultura; não se enxerga um único rebanho em meio às vastas pastagens que cobrem os morros, e é necessário que os tropeiros tragam de Mariana aos habitantes de Antônio Pereira o

necessário à sua subsistência. A maior parte destes últimos é gente de cor; vivem apenas da lavagem do ouro, e, quase todos muito pobres para poderem dispor de escravos, são obrigados a trabalhar pelas próprias mãos [...] (Saint-Hilaire, 1938, p.143-144)

O relato acima mostra o distrito de Antônio Pereira se organizando e tornando território, quando explicita por exemplo que para se manterem naquela porção de terra, era necessário buscar proventos em Mariana – MG, via tropeiros para a sua subsistência.

Levando em conta a relação do sujeito com o lugar, a pesquisa será trabalhada a luz da fenomenologia que se define como amplo movimento científico e espiritual, extraordinariamente variado e ramificado, ainda hoje vivo (LIMA, 2014), remetendo sempre a Edmund Husserl. Em sua etimologia, o termo significa estudo dos fenômenos, daquilo que aparece à consciência, daquilo que é dado. A fenomenologia pretende ser “ciência das essências” e não de dados de fato (Martins *et al.*, 1990). A fenomenologia, a partir do seu aparecimento, tomou rumos diferentes, mas enquanto movimento filosófico, começou com Edmund Husserl que, dando um novo sentido ao termo, já utilizado por Kant e Hegel, formula o método fenomenológico, criando um movimento que influenciou grande parte da filosofia no século XX.

Para isso será trabalhado seus modos e vivências, ações, lembranças e percepções. Nesse contexto o espaço, à medida em que adquire significado e definição, vai se transformando em lugar. Por isso compreender a relação dos moradores de Antônio Pereira com o lugar a partir das experiências de vida de seus habitantes e costumes adquiridos ao viver nele, constitui um ato importante para o êxito desse trabalho. Uma investigação sobre o que está por detrás do lugar, ou seja, uma busca dos significados.

Para Tuan o lugar é uma área que foi apropriada afetivamente, transformando um espaço indiferente em lugar, o que por sua vez implica na relação com o tempo de significação deste espaço em lugar. "O lugar é um mundo de significado organizado" (TUAN, 2012, p.219).

Esse mesmo autor traz o sentimento de pertencimento expresso no termo Topofilia. Que quer dizer “o elo afetivo entre as pessoas e o lugar, a ligação de amor entre o indivíduo e o ambiente. Uma vivência baseada no envolvimento e na afeição, os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (TUAN, 1980, p.107).

A consciência do passado é imprescindível para o amor ao lugar. Então, reconhecer a cultura do distrito de Antônio Pereira significará perceber, a história do lugar, as origens das pessoas, as verdades e os valores que pautam as relações entre os moradores. Inclusive, TUAN (1983, p.6) ao enfatizar a diferença entre espaço e lugar nos faz compreender que os vínculos emocionais com os arredores ou entorno, são importantes na formação da identidade de lugar.

1.1 Objetivos

1.1.1 - Objetivo geral

Esse trabalho propõe descrever a relação dos moradores de Antônio Pereira com o lugar, as experiências de vida e costumes adquiridos que consolidam a relação de pertencimento e transformação do espaço em lugar. Ainda, de modo a despertar nos moradores a motivação e o interesse sobre a sua própria cultura, tornando-o um cidadão mais sensível e consciente da importância de suas raízes para preservação de sua história.

1.1.2- Objetivos específicos

- Descrever experiências pessoais dos moradores em relação a Antônio Pereira.
- Identificar diferentes momentos e formas de ocupação do espaço.
- Levantar aspectos culturais expressos no modo de viver da população.
- Sublinhar que a organização do espaço (Antônio Pereira) está diretamente relacionada com os costumes e as tradições dos seus habitantes.

1.2- Justificativa

A pesquisa se justifica na sua proposição de dispor informações intimistas dos moradores de Antônio Pereira, ampliando o olhar sobre o distrito. O viés fenomenológico da pesquisa, possibilitou inferir nas dinâmicas empreendidas ao longo tempo, os moradores como sujeitos ativos e construtores de sua própria história

Um lugar não é apenas a história que os monumentos trazem. A afetividade, os laços afetivos estabelecidos com o ambiente, a subjetividade humana são alguns elementos a considerar nessa dinâmica da construção do lugar. Sobre

essa temática Tuan (2012), apresenta a topofilia como um dos caminhos para compreender o sentimento das pessoas em relação ao seu espaço de vivência.

A relação amorosa do sujeito com o lugar está também ligada aos sentidos. A visão, olfato, audição, o tato, atuam no homem proporcionando sensações que tem o poder de ligação. Como o cheiro, o som de um lugar, enfim sentimentos que lhe causam afeição ou repulsa. Os sentidos apropriam-se de informações no âmbito da subjetividade e proporciona ao sujeito sentir distâncias, direções e conseqüentemente estreitar suas relações com o lugar.

Sendo assim o presente trabalho visa dar protagonismo aos moradores de Antônio Pereira, buscando compreender as dinâmicas processadas no distrito, considerando em primeiro plano as relações com o lugar. Propõe despertar a motivação e o interesse sobre a sua própria cultura, tornando-o um cidadão mais sensível e consciente da importância de suas raízes para preservação de sua história.

O trabalho apontará momentos históricos do relacionamento dos moradores com o lugar, história de vida, lugares íntimos, afetividades que têm com o lugar e apropriação do mesmo, e pôr fim a organização desse lugar incutindo nele os objetos com o qual o identifica. Isso implicará numa melhora da autoestima dos habitantes ao se descobrirem agentes ativos na construção de sua própria história.

1.3 - Metodologia

O caminho dos procedimentos teórico-metodológicos consistiu na análise dos conteúdos teóricos relacionados ao método fenomenológico, análise documental, revisão bibliográfica, trabalho de campo e aplicação de entrevista semiestruturada e sua posterior descrição.

No trabalho de campo foram entrevistados ao todo oito pessoas com idades entre 18 a 92 anos. Esse critério foi adotado com o objetivo de ouvir diferentes gerações e, conseqüentemente, analisar os dados obtidos no sentido de identificar se existiu nas diferentes épocas, mudanças no comportamento dos moradores relativo ao sentimento pelo lugar. Se houve entre gerações a perpetuação de tradições, a inserção de novas dinâmicas que enraizasse ainda mais ou não o sentimento de pertencimento.

Para refinar ainda mais a pesquisa foram observados os seguintes critérios:

- Idade;
- Tempo que reside em Antônio Pereira;

- Se nascido (a) e criado (a) em Antônio Pereira;
- Pessoa referência na comunidade;
- Pessoas engajadas em atividades na comunidade;
- Líderes comunitários atuantes.

Os dados foram obtidos mediante entrevista semiestruturada, onde as perguntas foram pensadas com antecedência, porém durante as entrevistas o fator flexibilidade esteve em evidência tornando as conversas bem descontraídas, possibilitando ao entrevistado relatos significativos no sentido de partilhar suas mais pessoais informações.

Sobre a entrevista semiestruturada Manzini (1990/1991, p.154) disse:

“Na entrevista semiestruturada, a resposta não está condicionada a uma padronização de alternativas formuladas pelo pesquisador como ocorre na entrevista com dinâmica rígida. Geralmente a entrevista semiestruturada esta focalizada em um objetivo sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes as circunstâncias momentâneas a entrevista”.
(MANZINI, 1990/1991, p.154)

Para isso foi trabalhado seus modos e vivências, ações, lembranças e percepções. Nesse contexto o espaço, à medida em que adquire significado e definição, vai se transformando em lugar (TUAN, 2013, p.167)

Como fator agregador na busca de dados que referendasse a pesquisa, foi utilizado também a “observação participante”, esse método de pesquisa promove a interação entre o entrevistador e o entrevistado, é importante salientar que o olhar que pousa sobre a pessoa entrevistada a coloca como colaboradora e não como o objeto da pesquisa.

Sobre a aplicação desse método e cuidados que devem ser tomados (HAGUETTE 1995, p.77) orienta:

A observação participante pode ser considerada como a técnica de captação de dados menos estruturada nas ciências sociais. Ela não supõe nenhum instrumento específico para direcionar a observação, tal como um questionário ou um roteiro de entrevista, e, por esta razão, a responsabilidade e seu sucesso pesa quase que inteiramente sobre os ombros do observador, salvo obviamente, naqueles aspectos que são fontes de vieses e que emanam do exterior, ou seja, da própria situação da observação (inibições provocadas pela presença de um estranho ao meio, o pesquisador por exemplo. (HAGUETTE, 1995, p. 77)

Contudo, não houve nenhum inconveniente durante as entrevistas, na verdade a proximidade com os moradores de Antônio Pereira fez com que os

entrevistados ficassem à vontade e foi preciso apenas o cuidado de não deixar fluir as conversas que desviavam do propósito.

1 - A RELAÇÃO: SUJEITO E LUGAR

Ao estudarmos sobre o sentimento de pertencimento pelo viés da Geografia, a categoria mais indicada vem a ser lugar. E não se fala de lugar, sem a percepção do sujeito que ali vive. Assim, o método mais eficaz para a perspectiva da Geografia Humanista Cultural será a fenomenologia, que será abordada novamente de modo mais detalhado neste primeiro capítulo.

1.1 - Fenomenologia

A fenomenologia se define como amplo movimento científico e espiritual, extraordinariamente variado e ramificado, ainda hoje vivo, remetendo sempre a Edmund Husserl (1859-1938). Ele teve a percepção de que todo movimento é relativo ao observador e que as coisas são tais como os fenômenos que se apresentam à nossa consciência, ou seja, não existe uma forma acabada que pode ser posta, cada um tem a maneira própria, só sua de perceber as coisas. Por isso Edmund Husserl prezava pela compreensão do fenômeno, fielmente da forma como acontece.

Em sua etimologia, o termo significa estudo dos fenômenos, daquilo que aparece à consciência, daquilo que é dado. A fenomenologia pretende ser “ciência das essências” e não de dados de fato.

A fenomenologia, a partir do seu aparecimento, tomou rumos diferentes, mas enquanto movimento filosófico, ela começa com Edmund Husserl (Lima, 2014) que, dando um novo sentido ao termo, já utilizado por Kant e Hegel, formula o método fenomenológico, criando um movimento que influenciou grande parte da filosofia no século XX.

Para Husserl a consciência tem intencionalidade, ou seja, todos os atos da consciência são dirigidos para objetos sejam materiais ou ideais. Os atos intencionais são definidos pela consciência. Na fenomenologia a pessoa ultrapassa os objetos externos e chega a compreender a consciência do objeto.

Sobre as ideias de Husserl, Goto diz:

Assim o seu fazer fenomenológico concentra-se em "recuperar e restaurar a ordem espontânea da vida, o sentido e a orientação da existência humana, retomando a subjetividade transcendental, expostas nas evidências pré-científicas e pré-lógicas do mundo-da-vida". (GOTO, 2013, p.34)

Manifesta-se então na geografia certa inquietação no sentido de colocar o sujeito, suas percepções e ânsias em evidência. Sendo assim o diálogo entre a geografia e a fenomenologia visa valorizar o ser humano e sua experiência espacial.

As alegrias, os infortúnios, a experiência, a subjetividade e o mundo vivido integram a geografia como sendo importantes para maximizar os saberes acerca dessa ciência.

Mais de um século se passou e a fenomenologia foi se destacando em vários países. Na vanguarda os acontecimentos podemos citar Alemanha e França, destacando sem excluir outros nomes Martin Heidegger (1906-1976) e Maurice Merleau-Ponty (1907-1960).

No limiar do ano 2000 já se observava muitos trabalhos acadêmicos e profissionais evidenciando a fenomenologia como metodologia de análise. Diversos campos do conhecimento como educação, geografia, psicologia, filosofia, ciências sociais e ciências naturais, já se relacionavam com a fenomenologia ampliando sua maneira de ver o mundo.

E assim o pesquisador deve envolver-se com o fenômeno num grau substancial a ponto de o investigador encontrar respostas diretas sobre seu objeto de análise, avalizando o método fenomenológico como uma forma possível de pesquisa.

1.1.2 - *A redução fenomenológica (epoché)*

Termo grego que os antigos cétricos traduziam como “suspensão do juízo”, epoché constitui-se uma suspensão imediata da atitude natural com a qual nós nos relacionamos com as coisas do mundo. Suspensão do juízo sobre todo o conhecimento.

A pessoa deixa de aceitar aspectos da vida como verdadeiros, linguagens, culturas e etc., assim o indivíduo conquistaria a autoconsciência para parar de ver a si mesmo como parte das coisas que ele aceitava no mundo. Não é negar a existência do mundo, é o despojamento de todas as crenças.

1.2 - Espaço e lugar

Desde criança começamos a construir a nossa história. Primeiramente o interesse se restringe ao espaço onde vivemos, a casa onde moramos, os lugares onde brincamos. O nosso mundo é restrito a uma pequena porção do espaço, que nos são apresentados pelos nossos pais e pessoas próximas de nós. Com o passar

do tempo, a cada etapa que vamos vivendo, novas experiências vão acontecendo em nossas vidas, essas vivências vão nos moldando e criando entre nós e o lugar uma espécie de ligação que vai nos enraizando e desencadeando sentimentos de amor ao lugar. É uma construção de nossa existência que se dá mediante as experiências, aprendizados e culturas.

O espaço não pode ser compreendido sem ser experienciado, assim implica na capacidade de aprender a partir da própria vivência. (TUAN 2012, p.18).

Para TUAN espaço é mais abstrato que lugar. O espaço só vai se tornar lugar quando for sendo conhecido e dotado de valor (TUAN 2012, p.14) quando for ocupado pelo homem e sofrer as transformações físicas ou simbólicas. Esse espaço humanizado é lugar.

Para o exercício dessa experiência TUAN (1983), coloca três palavras que resumem toda a discussão acerca do que seja lugar: percepção, experiência e valores.

Através da percepção, podemos fazer uma leitura do mundo que nos cerca. O cheiro característico de um lugar, os sons das coisas que compõem aquele lugar, o contato físico com algum lugar, o gosto de alguma comida típica, essas inteirações contribuem para compreender as particularidades de um determinado lugar.

A experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade (TUAN 2012, p.17), está ligada as vivências do dia a dia, aos aprendizados no decorrer do caminho.

Na medida em que as pessoas vão realizando as práticas cotidianas logo o processo experiencial vai dinamizando seu existir.

Assim a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar é aprender, significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que um constructo da experiência, uma criação, sentimento e pensamento. (TUAN, 2012, p.18)

Em suma, a experiência está sempre voltada para o mundo exterior com enfoque no aprender a partir das próprias vivências. Quanto aos valores podemos dizer que é um conjunto de regras e comportamentos que as pessoas consideram importantes.

Quando TUAN diz que o espaço só vai se tornar lugar quando for sendo conhecido e dotado de valor (TUAN 2012, p.17), compreendemos que o “valor” acima citado é uma construção que se processa gradativamente.

Ao longo do tempo essas construções vão moldando o lugar. Havemos de considerar dentro dessa escala de valores aqueles que regem a religiosidade, as famílias e outros, que vão dentro da coletividade diferenciando os sujeitos.

1.3 -Topofilia e percepção

A relação de topofilia do sujeito para com o lugar está relacionado com a intensidade da interação dele com meio ambiente. TUAN (2012, p.19), define topofilia como o elo afetivo entre uma pessoa e o lugar, ou ambiente físico.

Dentro dessa relação está uma série de fatores que devem ser considerados, dentre os quais todos os sentidos humanos. Eles darão a cada pessoa sua perspectiva individual sobre os lugares.

Dos cinco sentidos tradicionais, o homem depende mais conscientemente da visão do que dos demais sentidos para progredir no mundo (TUAN, 2012, p.22). Através dos olhos que percebemos os diferentes arranjos estruturais. O monumento inesquecível, as flores, pássaros, a rua onde moramos, enfim, os olhos podem deslocar no espaço e vislumbrar o que existe de mais bonito e neles se deleitar. Pelo olhar podemos também detectar aquilo que impacta negativamente no nosso espaço de vida e pensar caminhos que os tornem belos.

A topofilia se processa num espaço amplo do ser. A pessoa cega, por exemplo, utiliza outros sentidos para estabelecer sua íntima relação com o lugar. Através do tato, ela consegue perceber no mundo exterior a ela, suas formas e funções, como informações sobre outras pessoas numa leitura da expressão e percepção da emoção pelos traços, enfim compreender o ambiente ao seu redor.

Para TUAN (2012, p.24), o tato, o sentido tátil, de fato fornece aos seres humanos uma grande quantidade de informação sobre o mundo, sendo um sentido ainda mais utilizado por pessoas que são cegas.

A audição tem também um papel importante no processo de construção de como as pessoas irão experienciar os lugares. Todo lugar tem sons característicos que ajudam a criar imagens mentais ao ser ouvido, como por exemplo o apito de um trem ao longe, pássaros a cantar, as águas de uma cachoeira ao cair nas pedras.

A importância da audição para a apreensão da realidade pelos seres humanos é enfatizada pela sensação aguda de perda por aqueles que subitamente ficaram surdos (TUAN, 2012, p.26), e assim TUAN mostra que as dificuldades vividas

pelo surdo, suscita reflexões acerca da importância das construções pelas vias auditivas no desenvolvimento da topofilia.

O olfato, também é relevante, pois os cheiros marcam a experiência dos indivíduos e possui o poder de evocar lembranças vívidas carregadas emocionalmente, de eventos e cenas passadas (TUAN, 2012, p.27). O cheiro é uma forma de comunicação e pode provocar lembranças, emoções e até mesmo influenciar nosso comportamento.

Sendo assim a topofilia de um indivíduo não se construirá a partir do que ele ouve falar de um lugar, de depoimentos de pessoas que conhece, ou mesmo nas coisas que observa, mas numa associação de coisas.

Essa relação emocional e afetiva que as pessoas criam com um lugar específico, carregam traços históricos, sociais, culturais e físicos. Ao longo do tempo esse sentimento topofílico vai sendo construído pelas vias das experiências vividas no local, atizando memórias e laços afetivos. Como por exemplo, alguém que nasceu no campo pode desenvolver estima, sentimento topofílico por fazendas, e atividades ligadas a pecuária. Isso está ligado à sua relação com esse espaço.

Em torno da construção da topofilia está uma série de fatores individuais e coletivos, a experiência de cada um, aspectos naturais e sociais, a cultura em que o indivíduo está inserido. É uma marcha heterogenia que culmina numa ligação emocional e afetiva com um lugar específico.

1.4- Topofobia

A topofobia que se define como sentimento de rejeição ou medo em relação ao lugar, está expressa nas experiências execráveis, tristes do sujeito, no individual ou coletivo. A topofobia precisa ser considerada dentro do processo de construção do sentimento de pertencimento do sujeito com o lugar (TUAN, 2012, p.144).

A topofobia está relacionada a situações traumáticas como acidente, assalto, mortes, enfim, experiências negativas que deixou marcas acentuadas na mente de uma pessoa.

Um local pode estar carregado de variadas emoções, sentimentos bons ou ruins. Isso não quer dizer que o sujeito que se declarou parte daquele lugar esteja em contradição. Essa relação topofílica e topofóbica existem no mesmo espaço, e está dentro do processo de enraizamento. Logo o lugar está correlacionado ao apego, ao

amor, motivos pelo qual todas as contendas e hostilidades existentes nele são esquecidas e suplantadas.

1.5 – Pertencimento

O pertencimento é resultado de interações bem abrangentes, perpassa pelo ambiente familiar, religiosos e outras relações que vão potencializar a criação de vínculos, vai levar em conta também o espaço vivido (BOURDIEU, 1996).

Esse pensamento é reforçado por Vaz; André, (2015) ao dizer que não havendo ligação social suficiente, teoricamente esse pertencimento não vai existir, estará fora do contexto da harmonia grupal, não havendo socialização.

A essência do pertencimento desperta uma identidade no sujeito, sugerindo a pensar mais profundamente no zelo pelo seu lugar. Isso fará com que assuma uma postura crítica e reflexiva dentro do seu espaço de vivência.

Sobre isso Holtzer (1993), vai dizer que TUAN fala do sentido de ligação e afetividade com o espaço enfatizando a “topofilia” o mais alto grau de ligação e pertencimento a um espaço, e “topofobia” a aversão ao mesmo.

1.6 – Memórias

Ao construir o seu lugar de vivência, o sujeito atribui a ele valores e costumes. Com isso desenvolve a capacidade de memorização do lugar. São as memórias coletivas e individuais.

A memória coletiva é aquela que é construída por todos os moradores, são lembranças de determinado lugar que todos se lembrarão da mesma forma. Na memória coletiva o passado é continuamente reestruturado, vivificado, ressignificado. É principalmente nas tradições que a memória se atualiza e articula, transforma os fatos do passado em imagens e ideias sem rupturas.

Para Borges (2017, p..97-126), a memória é determinada não pela aderência de um indivíduo a um determinado espaço, mas pela aderência do grupo do qual ele faz parte daquele mesmo espaço.

O lugar novo o obriga a um novo aprendizado e a uma nova formulação. A memória olha para o passado, a nova consciência olha para o futuro, o espaço é um dado fundamental nessa descoberta.

O espaço em que se habitou, o espaço em que se trabalhou, um espaço em que se viveu. O lugar determinado pela memorização, afetividade, proporciona a construção da identidade do grupo social. A memória individual resume-se na vivência

de cada morador do lugar. Uma só pessoa sobre um determinado evento, mesmo este sendo presenciado por várias outras.

A memória individual, assim é, a memória de uma só pessoa sobre um determinado evento, mesmo este sendo presenciado por várias outras.

Então, a memória é a construção relacionada a soma das experiências do homem em um determinado espaço. De acordo com essas experiências, é feito um acúmulo destas que, ao serem lembradas pelos indivíduos, traz, de certa forma, um sentimento relacionado ao lugar.

Para Halbwachs (2004), a memória individual só se configura, mediante a existência da memória coletiva, ou seja, as lembranças são constituídas no interior de um grupo. O embrião de várias representações, como sentimentos e fascínios impostos a nós, são na verdade oriundos de um grupo.

1.7- Afetividade

De acordo com TUAN (1980), a afetividade do sujeito em relação ao seu lugar está ligada as experiências pessoais associadas a valores e o jeito com que ele distingue o seu ambiente.

Podemos definir a afetividade do sujeito pelo lugar como o vínculo emocional firmado com cenários físicos, envolvendo sentimentos derivados da experiência espacial real ou esperada (FELIPPE; KUHNEN, 2012)

Ao ocupar determinado espaço o homem cria vínculos, oriundos de suas várias interações, algumas partes terão mais valor que outras, isso se dá devido ao grau de afetividade concebida entre ambos.

O homem intensifica seus nexos com o meio absorvendo manifestações encontradas no ambiente a qual vive. Além de ser um agente influenciador, introduzindo suas próprias manifestações.

A capacidade do homem de ser um sujeito passivo e ativo em relação ao meio ao qual vive possibilita a construção da sua cultura.

2 - CARACTERIZANDO O LUGAR – ANTÔNIO PEREIRA

Antônio Pereira se localiza há cerca de 26 km da sede do município. Para chegar a esse distrito ouro-pretano é necessário acessar a MG 129. As cidades que fazem fronteira são Santa Bárbara e Mariana.

Segundo dados da prefeitura de Ouro Preto, (2023) atualmente Antônio Pereira conta com 4.480 habitantes e vai crescendo à medida que pessoas vão chegando para trabalhar na mineração e boa parte delas nunca mais vão embora. Criam vínculos que vão além na necessidade de trabalho, experimentam o poder acolhedor do povo pereirense e sua permanência no lugar ganha um sentido diferente daquele que outrora os levaram até lá. Passam a envolver sentimentos na relação com o espaço, o que devagarzinho vai se enraizando e fazendo daquele espaço seu lugar de sonhos e esperanças. É claro que não é uma regra, mas existe muitas pessoas que se identificam com o lugar e não vão mais embora.

2.1- Conhecendo Antônio Pereira

A figura 1 e 2 trazem a delimitação territorial do distrito de Antônio Pereira. Percebe-se também partes da Barragem de Doutor que de tão próximo ao povoado quase se mistura ao urbano.

Figura 1 – Visão aérea de Antônio Pereira, delimitação do perímetro

Figura 2 – Vista aérea de Antônio Pereira suas casas e adjacências



Fonte: Google Earth (2024)

Como dito anteriormente, o povoado foi descoberto em 1700 (Prefeitura de Ouro Preto, 2023) pelo Bandeirante Português Antônio Pereira Machado nascido na Freguesia de São João de Caldas, Termo da Vila de Guimaraens Arcebispado de Braga Portugal. Encontrou ali um lugar nas cercanias de Vila Rica chamado Bonfim do Mato Dentro. Estabeleceu-se no local e com seu tino minerador, acumulou várias minas cuja finalidade era a extração de ouro. Dentre elas estavam as minas Mateus, Rocinha, Capitão Simão, Macacos e Fazenda do Babaçal.

Antônio Pereira Machado ficou no lugar recém descoberto até 1703, o medo dos animais ferozes abundantes na localidade foi um dos motivos que fez com que ele decidisse partir. O outro motivo foi a carestia alimentícia provocada pela corrida do ouro desproporcional a produção de alimentos.

Ainda dentro desse contexto da exploração aurífera, surge mais adiante os bandeirantes Antônio Pompeu Tanques, Antônio Mateus Leme e o Padre João Inhaia, foi quando começou a formação do pequeno povoado.

Com o fim da extração aurífera de massa, o distrito de Antônio Pereira, assim como Vila Rica, foram se esvaziando, contudo, algumas famílias permaneceram no distrito.

Entre 1816 e 1822 Auguste de Saint-Hilaire, botânico francês participou de uma expedição pelo Brasil, a pedido do governo de seu país com o objetivo de reunir informações dos trópicos e seus recursos naturais (SAINT-HILAIRE, 1938, p.143-144).

Os escritos de Saint-Hilaire, apresenta o distrito de Antônio Pereira numa configuração inicial. Um povoado com cerca de cinquenta casas sem o cultivo de plantações e animais domésticos. Um povo pobre cuja renda provinha da atividade aurífera que servia para angariar os dividendos para comprar o necessário para a sobrevivência. Eles próprios realizavam as tarefas, pois não podiam dispor de mão de obra escrava.

No Almanack do município de Ouro Preto, publicação anual, ano I 1890, Antônio Pereira é descrito com uma população de 1500 habitantes, tendo a religiosidade um fator a considerar no processo de povoamento do distrito.

Destaca-se no distrito a Rua Grande, via de deslocamento que compõe o lugar desde os primeiros relatos. Essa rua começa após o largo da igreja queimada e vai até a igreja das Mercês. Da igreja até margear a rodovia MG129 a rua segue com o nome de Mercês. Inclusive a linha de ônibus intermunicipal Antônio Pereira x Mariana trafega nesse trajeto.

2.2 - Igreja queimada, monumento histórico e espaço das emoções

A igreja queimada em Antônio Pereira está localizada na entrada do distrito para quem vem sentido Mariana X Antônio Pereira. Seu papel é acolher quem chega com sua magistralidade e sua rica história.

Figura 3 - Igreja queimada em Antônio Pereira área externa



Figura 4 - Igreja queimada em Antônio Pereira área interna



Fonte: arquivo pessoal, 2024.

As paredes de canga datam de 1720 (Prefeitura de Ouro Preto, 2023), sendo registrada em 1750 como matriz de Nossa Senhora da Conceição. Em 1830 foi queimada (Prefeitura de Ouro Preto, 2023, não paginado)

A história do distrito vem desde 1700 (Prefeitura de Ouro Preto, 2023, não paginado) e se torna uma só quando os traços do passado misturam com os acontecimentos presentes.

Em meio ao refinamento da cantaria e pelo esplendor do seu existir, a igreja queimada assume um papel importante dentro da comunidade de Antônio Pereira. Não se destaca apenas pelos acontecimentos que a história conta sobre o tempo do ouro, mas também pelas dinâmicas estabelecidas em seu interior ao longo dos anos que configuram uma linda e importante história. Um espaço resignificado pelos moradores que agregaram sentimentos e esperanças ao que sempre foi visto como um espaço religioso.

Após seu interior se tornar cemitério, novos valores foram incutidos dentro da existência do lugar. Pessoas de todas as religiões foram sendo sepultadas ao longo do tempo e tornando o espaço religioso comum a todos. Uma forma inconsciente de ecumenismo. O que antes tinha a finalidade de oração para os católicos, hoje é visitada por todos indiferente da religião. O que houve inconscientemente na mente dos moradores, foi acrescentar novo olhar ao espaço histórico, novos valores.

Ao se tornar cemitério, o monumento passou a incorporar sentimentos como a dor, a saudade e o amor. As paredes centenárias compostas por imensos blocos de canga, não é mais lugar apenas da beleza palpável, agora o espaço abriga também sentimentos e emoções. As pombas que fixaram seus ninhos nas fendas da igreja em ruínas, quebram o silêncio com seus arrulhos incessantes configurando a trilha sonora dos que jazem eternamente.

A igreja queimada não findou sua história quando foi consumida pelas chamas, sua existência ganhou outros significados se tornando atualmente espaço das emoções, sem perder os traços do passado. A igreja de pedra é o lugar pretendido pelos moradores de Antônio Pereira para ser sua morada eterna. Todas as pessoas que contribuíram com esse trabalho têm parentes, amigos e conhecidos sepultados no interior do monumento. A igreja queimada é um pedaço de cada morador, o alfa e o ômega, espaço das emoções.

2.3 Rua Grande

A Rua Grande é a principal rua do distrito de Antônio Pereira, a partir dela nasceram outras ruas menores. As edificações mais importantes foram construídas nessa relevante rua. Algumas casas antigas ainda estão de pé, outras não existem mais, porém tal configuração demonstra que a rua grande é um marco considerável dentro de Antônio Pereira.

Figura 5 – Adro da igreja das Mercês por ocasião da chegada da luz elétrica.



Figura 6 - igrejas das Mercês atualmente



Fonte: arquivo da comunidade Nossa Senhora da Lapa

Para sair do povoado é necessário seguir em frente pela rua que margeia a igreja das Mercês, e que tem o mesmo nome do templo religioso. A partir desse

ponto central do distrito é possível também acessar a rua da Lapa a direita e a rua da Lagoa a esquerda sentido Vila Residencial Antônio Pereira.

Sendo assim os moradores do distrito reconhecem que se essa rua comporta memórias importantes da antiguidade. Festas religiosas, a chegada das primeiras novidades no distrito, como a luz elétrica, água encanada, o calçamento, posto de saúde, armazém e outros. Os casarões edificadas nessa rua, simbolizam a hierarquia de poder da época da descoberta do distrito e o local de moradia das pessoas importantes da época.

Figura 7 – Antiga rua Grande ainda com seus casarões



Figura 8- Rua Grande atualmente



Fonte: Figura 7 – Prefeitura de Ouro Preto,2023 - Figura 8 - Sergio Furtado - @sergiofurt

As figuras acima retratam a rua grande em dois momentos da história. A primeira com os casarões antigos sem luz elétrica e calçamento, a segunda figura é bem atual, a rua já está iluminada e pavimentada, restou apenas a última casa percebida a direita no fim da rua. É importante destacar um recuo existente na rua grande. Trata-se do Largo Santo Antônio, o local tradicional da festa junina dos moradores de Antônio Pereira.

Na festa de Santo Antônio no mês de junho acontece quadrilha, barraquinhas, levantamento do maestro com a estampa do santo, fogueira e muita festa. Local de encontro da comunidade.

No local também se encontra uma das casas mais antigas do distrito, a casa onde morou dona Daura, a primeira casa a direita, visão de quem acessa o largo Santo Antônio, vindo da rua grande.

Figura 9 - Chalé de 1939 – Largo Santo Antônio



Figura 10 - vista do Largo Santo Antônio



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Dona Daura foi uma das primeiras professoras que lecionou na comunidade. É conhecida pela maioria das pessoas de mais idade. Os mais jovens também sabem sobre ela, visto que uma das escolas da comunidade leva o nome dela.

Vale salientar que além de Dona Daura, outras professoras são lembradas pela comunidade como pessoas que apesar das dificuldades se esforçaram para que o ensino fosse acessível aos pereirenses. São elas: Dona Zumbi que também tem uma escola com seu nome, Dona Imaculada Rivelli e Dona Terezinha Wenceslau Pessoa que também não mediram esforços para proporcionar aos moradores a possibilidade de aprender.

2.4 - Serra do Frazão

A Serra do Frazão é juntamente com a igreja queimada os guardiões do distrito de Antônio Pereira. Se por um lado a igreja queimada acolhe quem chega vindo de Mariana e Ouro Preto, a Serra do Frazão faz o mesmo papel acolhendo quem chega vindo do lado de Catas Altas e Santa Bárbara.

Localizado na porção Leste do quadrilátero Ferrífero, dentro das cercanias do distrito, essa Serra imponente é vista de todos os cantos da comunidade. Corresponde ao grupo Itacolomi, tendo na sua composição lentes de conglomerado e filito (Guimarães, D. 1931, p.1-36).

Em tempos de chuva seu cume fica envolto por uma cortina branca informando a todos que a chuva está por vir. As nuvens que por lá vagueiam, parecem descansar sobre a crista filítica a sombrear o verde que circunda a serra. Um espetáculo natural e belíssimo. Os moradores do distrito o chamam de “pico do Frazão”

Aos seus pés um grande lago reflete sua estrutura colossal dando contornos de beleza ao monte querido de todos os pereirenses.

Figura 11 - “Serra do Frazão”



Fonte: arquivo pessoal,2024

Beleza, riqueza e mistérios são incrementos da relação entre o povo e a “montanha”, um nexos de cumplicidade histórica que o tempo só fez estreitar.

Consta nos relatos das pessoas mais antigas, que existe um portal que guarda riquezas, mas que ninguém nunca conseguiu transpor.

E assim a Serra do Frazão é uma das belezas centenárias e riqueza natural que o povo de Antônio Pereira não cansa de enaltecer.

2.5 - Lendas e causos

Como em todo lugar, Antônio Pereira, também tem suas lendas, causos e personagem marcante.

Os moradores mais antigos de Antônio Pereira contam que existe um portal localizado na Serra do Frazão, que fica de frente para a barragem da Natividade.

Muitas pessoas já foram tentar descobrir esse tal portal, mas ninguém nunca conseguiu descobri-lo.

Quando chegavam em determinado ponto da subida, um enxame de marimbondos não deixava irem além. Por conta disso ninguém conseguiu chegar a esse portal. Algumas pessoas se arriscavam a dizer que se tratava de riquezas escondidas e protegidas por um guardião.

Um dos entrevistados conta que tinha uma luz que saia do cemitério (igreja queimada) e seguia em direção a uma extinta pedreira que fica no pé da serra de Antônio Pereira. Sobre esse caso ele não tinha muitos detalhes, apenas disse que ouvia o pessoal que morava lá pelos lados a pedreira contar. (José Cardoso 2023)

Uma das moradoras entrevistada conta que a história do cavaleiro que passava pelas ruas do distrito à meia noite era verdade. Ela mesmo já ouviu o tropel do cavalo passando perto da sua janela. Relata ainda que seu pai, juntamente com mais alguns homens, resolveu cercar esse cavaleiro para saber de quem se tratava ou se era uma assombração.

Fizeram um paredão humano perto do largo Santo Antônio à meia noite, e esperaram o cavaleiro. Ao ouvirem o tropel do cavalo armaram o paredão humano, mas instantes depois perceberam que o cavaleiro havia passado por eles, mas não entenderam como aconteceu isso porque eles não desfizeram o paredão e nem sentiram o cavalo pular sobre eles. (Mariza Inácio, 2023)

Ela também conta que no início da rua da Lagoa tinha uma casa onde morava uma senhora chamada dona Almerinda. No quintal dela tinha um imenso coqueiro e nele estava amarrado um “capeta”. Tarde da noite quando as pessoas passavam por lá eram alvejadas por pedras que faziam todos correrem. Sobre esse caso todos os entrevistados disseram saber da história.

Os mais jovens ouviram de seus pais e avós, os mais velhos viveram esse tempo e dizem ouvir muitos relatos sobre o caso.

Um dos casos mais famosos em Antônio Pereira é de conhecimento de todo os moradores. Contam que quando encontraram a imagem de Nossa Senhora da Lapa onde é a gruta atualmente, a imagem foi trazida para a igreja de Nossa senhora da Conceição, a igreja queimada, que ainda não havia sido queimada.

A imagem de Nossa Senhora da Conceição, aparecia na gruta toda vez que era trazida para a igreja. Isso aconteceu várias vezes até que a igreja se consumiu em chamas.

Muitos dos moradores acreditam que a igreja foi queimada justamente para não levarem nossa senhora para lá. Ela queria ficar era na gruta da Lapa. O que aconteceu após o incêndio.

2.6 - Associação Musical Nossa Senhora da Conceição da Lapa

A Associação Musical Nossa Senhora da Conceição da Lapa, tem sua data de fundação nos idos de 1827, por Joaquim de Queiroz Primo, que contratou em Ouro Preto o mestre José Corrêa para ensinar música no então pequeno povoado. Dessa iniciativa surgiram uma banda e um coral que como prática comum da época se apresentava nas celebrações religiosas. (COMISSÃO OURO-PRETANA DE FOLCLORE, 2014)

Figura 12 – Banda em 1938 – 1º fase



Fonte: Prefeitura de Ouro Preto, 2023

José Ignácio, José Gonçalves Neto e Justino de Paula Ignácio, são nomes dos primeiros integrantes a destacar nesse início de caminhada da corporação musical (1ª fase).

Justino de Paula Ignácio faleceu na primeira metade do século 20, o que levou a banda a quase extinção, devido a sua importância dentro das atividades empreendidas pela banda.

A corporação musical ficou inativa algumas décadas até que em 1999 um grupo de moradores pensando em arrumar ocupação para os jovens reativou a banda.

Figura 13 - Banda pós 1999 – 2º fase



Fonte: – Associação Musical Nossa Senhora da Conceição da Lapa, 2024.

Recomeçaram as aulas de música para a juventude e quem quisesse aprender, posteriormente aconteceu apresentações na sede do município e em outras cidades da região. (Girresse Lúcio, 2023)

A antiga sede foi ocupada inicialmente na retomada dos trabalhos, porém as pessoas da linha de frente já pensavam numa sede nova que pudesse ampliar as iniciativas para além da musicalidade.

Figura 14 - Sede antiga da Banda



Fonte: – Associação Musical Nossa Senhora da Conceição da Lapa, 2024

Dona Maria da Conceição de Carvalho, a Dona Dunga, foi um nome muito importante nessa nova fase da Associação Musical Nossa Senhora da Conceição da

Lapa (Girresse Lúcio, 2023). Trabalhou intensamente na busca de recursos para manter ativa as atividades da banda. Faleceu em agosto de 2016 sendo velada na nova sede da banda. Espaço que ajudou a construir pensando em ensinar não apenas música aos integrantes, mas qualificar profissionais de toda a comunidade para o mercado de trabalho.

Atualmente, a presidente Claudete de Souza Ângelo é a responsável por liderar as ações da corporação musical, dando sequência aos propósitos estabelecidos pela banda que é de uma formação para além da música.

O maestro e professor de música é o Girressi Lúcio da Silva, 33 anos, que aprendeu a tocar na própria banda, iniciando sua trajetória aos 10 anos de idade quando ingressou na corporação. Sempre foi membro ativo da Associação Musical Nossa Senhora da Conceição da Lapa. Período em que a dona Dunga ainda presidia a corporação.

A banda desde sua reestruturação, é a responsável por tocar na festa em honra a Nossa Senhora da Lapa com seu repertório festivo, dobrados e ritmos variados. Sua nova sede é na rua principal do distrito, bem em frente a antiga sede.

Figura 15 – Nova sede da Banda



Foto – Arquivo pessoal,2024

2.7 - A religiosidade

Em 1716 (Prefeitura de Ouro Preto,2024) foi autorizado a fundação da primeira igreja do povoado, construída estruturada sob canga. A igreja de Nossa

Senhora da Conceição, atualmente conhecida como igreja queimada, em 1720 (Prefeitura de Ouro Preto, 2024) foi elevada à categoria de Matriz.

Por volta de 1800, a igreja foi consumida em chamas, e quanto a explicação sobre o ocorrido, até hoje não se sabe ao certo o verdadeiro motivo. Uma das versões dão conta de que por descuido do sacristão que não recolheu uma brasa que caiu ao chão no momento em que balançava o turíbulo por ocasião de uma celebração religiosa, fato que ocasionou o fogo que consumiu a suntuosa edificação. A outra versão fala de um homem originário da Bahia que se escondeu na igreja após a missa como plano para roubar as peças do acervo da igreja que posteriormente ao roubo ateou fogo no templo religioso.

Depois que a igreja de Nossa Senhora da Conceição foi queimada, as celebrações religiosas passaram a acontecer igreja das Mercês que ficava no centro do povoado, mesmo considerada pobre e pequena. Posteriormente foi reformada com a quota de um conto de réis que havia sido votada pela assembleia para esse fim. Com lei N° 184, de 3 de abril de 1840 (Prefeitura de Ouro Preto, 2024), foi oficializada paróquia e principal igreja do distrito.

Figura 16 – Igreja de N. Senhora das Mercês, local onde passaram a ser celebrados os ofícios religiosos após o incêndio de 1830 na Matriz de N. S. da Conceição.



Fonte: Arquivo da Câmara Municipal de Ouro Preto/1974

E assim a questão religiosa teve um papel importante no crescimento da comunidade de Antônio Pereira, sobretudo concernente a capela de Nossa Senhora da Conceição a partir de 1703.

Em 1720 (DOSSIÊ DE TOMBAMENTO, p.19) já intitulada matriz, sofreu influência política, social e econômica da igreja católica inclusive cobrando taxas dos moradores até 1752.

A gruta da Lapa, onde existe uma Capela, é também mais uma edificação religiosa que reforçava a religiosidade do distrito.

A gruta da Lapa, onde existe uma capela consagrada à padroeira da freguesia, tendo nas proximidades uma casa de romaria. É numerosíssima a sua irmandade. Celebra-se aqui anualmente, a 15 de agosto, a festa de Nossa Senhora da Conceição, afluindo por essa ocasião a freguesia uma imensa multidão, composta de devotos ou de pessoas ávidas de divertimentos. (OZZORI, 1890, p. 97-100)

Ainda sobre a gruta da Lapa em Antônio Pereira, existem relatos sobre seu descobrimento que se baseiam na tradição oral. Em 1722, quando um grupo de crianças que brincavam próximo à entrada da gruta viram um coelho que entrou na caverna. Resolveram segui-lo se deparando com Nossa Senhora da Lapa. Ao ser levada para a igreja, a imagem sempre voltava sozinha para a gruta, então resolveram construir um altar na cavidade em homenagem a ela entendendo que era na gruta que desejava ficar.

A partir de 1819 iniciou-se a festa da Lapa no interior da gruta. Dia 14 e 15 de agosto era o ponto alto as festividades que atraía milhares de devotos.

Figura17 – festa da Lapa, década 1930



Figura 18 - festa da lapa, década 2023



Fonte: arquivo da comunidade Nossa Senhora da Lapa

2.7.1 - Visita de Dom Pedro II

Em 1881, Pedro II (1881a) o imperador do Brasil visitou a gruta da Lapa. O relato sobre a visita encontra-se em seu diário de viagem pela Capitania de Minas

Gerais. Descreveu o caminho como dotado de considerável beleza, um largo vale, vista risonha devido ao verde das plantações.

O caminho foi descrito pelo Imperador como possuidor de grande beleza: “Belo caminho que domina um largo vale. A vista do arraial de Antônio Pereira é muito risonha por causa de suas plantações verdejantes”(PEDRO II, 1881a)

Foi organizado um grande aparato para a chegada da comitiva do imperador. O povoado mobilizou-se para recebê-lo bem, mostrando sua hospitalidade Dom Pedro quando se achava sentado no púlpito observou que havia sido construído uma parte em alvenaria para a gruta se tornar capela, logo pontuou que a intervenção havia tirado o caráter natural da gruta, concordando apenas com a feitura do altar.

Figura19 – Interior da Gruta da Lapa com intervenções em alvenaria



Fonte: arquivo pessoal,2009

Pontuou antes de ir embora a dificuldade de acessar a os salões devido ao estreitamento da passagem e a presença de água. Lembrando que questão hídrica era uma preocupação, pois a água secava em determinadas épocas do ano, justamente em agosto data da festa da Lapa, não tinha água.

Nas áreas que se avizinham a gruta de Nossa Senhora da Lapa, percebe-se a presença de mata atlântica, campo e cerrado. Patrimônio cultural, religioso, espeleológico e natural reconhecido como Santuário e Monumento Natural Municipal.

No dia 08 de dezembro de 2014 Dom Geraldo Lyrio Rocha, bispo emérito da Arquidiocese de Mariana a consagrou a gruta da Lapa santuário, e as celebrações

passaram a acontecer em forma de jubileu do dia primeiro ao décimo quinto dia de agosto.

Existe também na comunidade a presença de outras denominações religiosas, como a Assembleia de Deus, a primeira igreja batista e várias outras religiões espalhadas pelo perímetro urbano do distrito. E assim A religião exerce considerável função social, podendo ser afirmada como constituinte relevante da vida humana e potencializa a normatização de comportamentos influenciando em formas de apoio a resolução de problemas.

2.7.2 - Assembleia de Deus

Quanto a Assembleia de Deus, sua ênfase está na oração fervorosa. Desde os anos 80 está em Antônio Pereira (Aristóteles,2024) e ao longo dos anos vem oferecendo aos habitantes um caminho para o encontro com Deus.

O cerne da igreja Assembleia de Deus está na oração, tendo como prática comum, assistir seus participantes na orientação religiosa e conduta de vida.

Figura 20 – Igreja Assembleia de Deus – Antônio Pereira



Fonte: Arquivo Pessoal.2024

2.7.3 - Primeira Igreja Batista em Antônio Pereira

A entrevistada (Maria da Lapa,2023) pertencente a igreja Batista do distrito de Antônio Pereira relatou os trabalhos sociais que a igreja batista realiza enfatizando como ponto alto os anos 80. Nessa década funcionava na igreja o Centro Educacional de Antônio Pereira mantido por entidade filantrópica que dava aporte financeiro as atividades de ensino e outras atividades.

Figura 21 - Primeira igreja Batista e Antônio Pereira



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Segundo (Maria da Lapa,2023) a entidade em questão tinha sede nos Estados Unidos da América e organizava as ações conseguindo pessoas para apadrinhar as crianças e com o dinheiro arrecadado mantinham o espaço da igreja em funcionamento. Mantinha também uma fábrica de vassouras que envolvia os familiares dos assistidos.

Lembrando que nos anos 80 Antônio Pereira tinha muitas pessoas em estado de carência, e a primeira igreja batista em Antônio Pereira Contribuiu bastante para uma melhora de vida dos moradores. Somados a este envolvimento social com a comunidade a igreja Batista tinha suas manifestações religiosas com horários de cultos e outros momentos de oração.

Sendo assim a igreja Batista tem relevante importância dentro da vida religiosa de Antônio Pereira e com isso contribui até hoje com o fortalecimento do vínculo entre as pessoas. O projeto relatado acima teve fim no final da década de 90 e início do ano 2000, porém ainda existe iniciativas no sentido de acolhida, aconselhamentos pensando numa valorização do ser humano que também passa pela busca de Deus.

3- ANTÔNIO PEREIRA E A NARRATIVA DE SEUS MORADORES

Existe em Antônio Pereira um movimento organizado trabalhando para que o garimpo do ouro seja reconhecido como garimpo tradicional. Para isso, os articuladores do movimento composto por garimpeiros, estão promovendo idas a Brasília e mobilizando a classe política. O intuito é que consigam garantir essa forma artesanal de extração aurífera, já que se trata de uma prática secular e na atualidade configura a única forma de renda de muitos dos moradores.

Nesse capítulo também será mostrado outras interações entre a comunidade de Antônio Pereira no seu espaço de vivência. Isso nos faz perceber que os sujeitos estão em ação fortalecendo e estreitando os vínculos entre eles.

3.1 - O garimpo do ouro

Saint-Hilaire (1938), na sua expedição pelos trópicos na incumbência de fazer levantamentos sobre os recursos naturais existentes no Brasil a pedido do governo francês, ao passar por Antônio Pereira constatou e relatou as condições de vida do povoado recém encontrado. Gente de cor, quase todos muito pobres, para poderem dispor de escravos, vivem apenas da lavagem do ouro (Saint-Hilaire, 1938).

Ainda hoje os modos de vida se assemelham ao cenário encontrado pelo pesquisador. O distrito de Antônio Pereira é composto por famílias pobres que provém seu sustento da mineração hoje bastante estruturada com seus maquinários desenvolvidos e tecnologias bastante atuais. Os mais velhos que não conseguiram acompanhar a trajetória do progresso, seguem ainda buscando alternativas de ganhos, na prática artesanal do garimpo do ouro.

Os garimpeiros de Antônio Pereira se reconhecem como “garimpeiros tradicionais”. Para isso se baseiam no Decreto Federal nº 6.040 de 2007, que em seu artigo 3º assim conceitua:

Povos e Comunidades tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007)

Na definição de (DIEGUES; ARRUDA, 2001), os garimpeiros tradicionais são um grupo que possui uma cultura distinta, passada e reproduzida historicamente entre eles. Se ampara no sentimento de comunidade e no trato com a natureza.

Existe atualmente na comunidade de Antônio Pereira uma associação que no dia 05 de março de 2022 realizou a primeira assembleia visando se organizar para exigir seu direito de ter sua atividade extrativa mineral reconhecida como tradicional.

Figura 22 – garimpo no leito do rio



Fonte: Wilson Nunes, 2024.

Segundo (Wilson Nunes, 2024), um dos principais nomes da luta por reconhecimento do garimpo como tradicional, a questão do descomissionamento da Barragem de Doutor atrapalhou a prática do garimpo artesanal no distrito. O que impacta na vida dos garimpeiros que vivem da extração manual do ouro. A proibição de garimpar no rio em decorrência de problemas ligados a Barragem de Doutor, coloca em risco a perda de uma tradição que perdura desde o descobrimento do distrito. Por isso a importância de buscar serem reconhecidos para continuarem o que vem passando de geração em geração. O entrevistado (Wilson Nunes, 2024) disse sobre o garimpo:

Nós não vamos ficar ricos com o ouro que tiramos, queremos apenas garantir nosso sustento e não deixar morrer essa tradição que vem de muito tempo atrás. Tem pessoas que criaram seus filhos a poder do garimpo, isso não

pode acabar. Isso pode não importar para os outros, mas para nós tem muito valor.

O Senhor Geraldo Inácio, 63 anos, nascido e criado em Antônio Pereira, é um contratado terceirizado da prefeitura de Ouro Preto para cuidar do campo de futebol da localidade. Nas horas vagas ou no seu período de férias do trabalho, retoma as atividades de garimpeiro que exerceu de forma autônoma por muitos anos.

Esse é o papel do garimpo de ouro em Antônio Pereira, uma alternativa para aqueles que perdem o emprego devido à alta rotatividade da mineração, e a atividade principal de outros que a décadas vivem desse ofício.

O Senhor Geraldo ressalta que foram orientados a garimpar apenas no leito do rio, por causa das questões ambientais previstas na lei.

Uma coisa a destacar na atividade da extração do ouro é com relação idade da maioria dos garimpeiros. São pessoas simples, de pouco estudo e que tem idade mais avultada. Isso porque na mineração depois de certa idade é difícil conseguir emprego, principalmente se tiver baixa escolaridade.

“Eu pelo menos levei quase toda a minha vida no garimpo” palavras de um entrevistado de 69 anos, Geraldo Minervino, que lembrava saudoso das pessoas que trabalhou com ele. Não era simplesmente a extração do ouro, mas as relações estabelecidas. Quem trabalhava no garimpo juntos, também exercia outras atividades juntos, como por exemplo atividades esportivas.

Assim o garimpo do ouro é imprescindível para a população de Antônio Pereira. É também inegável que precisa ser praticado de forma que não agrida consideravelmente o meio ambiente, contudo é desde os tempos da corrida do ouro em Vila Rica que essa dinâmica acontece. Quebrar essa sequência temporal, é tirar da população de Antônio Pereira a possibilidade de mitigar a pobreza e apagar uma página de sua história.

3.2 - O esporte como elo de ligação e amor ao lugar

O time de futebol de Antônio Pereira tem sua história dividida em duas etapas. Em 1966, Manoel Furtado liderou um grupo de pessoas do distrito e criou o Nacional Futebol Clube. Entre 1966 e 1980 (Geraldo Minervino,2023) foram realizadas muitas partidas em seu campo localizado as margens de um córrego que ainda hoje, margeia a Rua da Lagoa.

O campo foi construído em um local plano encontrado e preparado para a prática do futebol. O piso do campo não era dos melhores, tinha grama, terra e cascalho, a trave era de madeira.

Os jogos eram marcados através de um ofício enviado a outras equipes, solicitando uma partida entre elas, esse ofício era respondido aceitando ou não o confronto. Se o jogo fosse aceito e realizado em Antônio Pereira, era certo que o adversário teria a “paga” do jogo, ou seja, era automático o dever de retribuir a visita com data que seria estipulado via ofício.

A torcida ficava atrás dos gols cantando e torcendo. No intervalo do jogo atravessava o campo cantarolando até chegar ao outro lado e posicionar-se atrás do gol para a última parte do jogo. Esses torcedores eram na sua grande maioria parentes e amigos dos jogadores. Laços criados com a vivência do dia a dia.

Os jogadores eram festejados a cada vitória em sinal de agradecimento por elevar o distrito a posição de grande honra.

Entre a metade dos anos 80 até 1994 o Nacional Futebol Clube ficou inativo devido a uma série de problemas estruturais. Mas em 1994 o time foi reerguido e filiado a liga de Futebol de Ouro Preto. A essa altura muitos dos atletas de outrora já haviam falecido, outros não jogavam mais.

Após 1994 data da segunda fundação do Nacional, os jogadores que passaram a integrar o Clube eram filhos e netos daqueles que ajudaram a fundar o time em 1966. Atualmente o Nacional Futebol Clube disputa a primeira divisão de futebol de Ouro Preto. As conquistas continuaram e o time já conseguiu ser campeão municipal por três vezes, sendo 2022 a última conquista. Vale ressaltar que em 2023 conquistou honrosamente a segunda colocação.

O campo hoje está alambrado e leva o nome de “Estádio Manoel Furtado”. Uma homenagem ao atleta do clube que marcou história na primeira fase de existência do Nacional. Nele acontecem além dos jogos do Nacional, outros jogos promovidos pelos esportistas do distrito.

A paixão continua a mesma de mais de cinquenta anos atrás, e serve para unir ainda mais o povo de Antônio Pereira que aproveita o futebol para reforçar as relações de amor e pertencimento ao lugar.

Figura 23 - Nacional em 1966

Fonte: Arquivo Nacional Futebol Clube

Figura 24 – Nacional em 2023

A família “Furtado” é um dos exemplos de famílias que vem de geração em geração cumprindo essa escrita de jogar no time do distrito. Desde Manoel Furtado um dos fundadores em 1966 até atualmente em 2024, a família “Furtado” sempre teve atletas compondo o elenco do Nacional.

TUAN (2012) fala da Topofilia como um elo afetivo entre uma pessoa e o lugar, essa conexão é bem presente em Antônio Pereira, onde as famílias vão crescendo e mantendo forte esse vínculo com o lugar. Um sentimento que brota no coração dos mais novos através do relato das experiências dos mais velhos. A família Furtado é apenas um exemplo da construção desse sentimento de topofilia, um amor que avança no tempo e a cada momento da história vai crescendo e se enraizando de forma que se torna uma tradição familiar.

3.3 – Aqui é o meu lugar

As entrevistas foram realizadas num clima de muita emoção. O passado e o presente se fundiram em só tempo. O choro foi inevitável, lembranças dos tempos idos, da vida, da morte, da esperança. As tentativas de conter as lágrimas eram inúteis diante de tanta emoção.

Os rostos ruborizados pela emoção demonstravam a beleza e o teor dos relatos. Eram lembranças de fatos marcantes que o tempo eternizou.

Esse sentimento que denota afetividade do sujeito em relação com seu lugar, tem a ver com as experiências pessoais de cada um e os valores com que ele distingue seu ambiente TUAN (1980).

Um momento marcante das entrevistas foi quando o assunto foi a igreja queimada. Todos os entrevistados disseram que tinham parentes, amigos e conhecidos sepultados naquele suntuoso monumento. Era perceptível a emoção das

peças. Alguns movidos por intensa saudade relatavam os nomes dos entes queridos. Mas os laços não se restringiam apenas aos de sangue, amigos e conhecidos eram citados com a mesma emoção e amor.

Pude então perceber que a igreja queimada guardava muito mais que a história iniciada no tempo do ouro. Estava entranhado nas paredes de pedra do monumento religioso, muito mais que religiosidade. Aquele vulto histórico guardava também a emoção e o sentimento dos moradores. Isso porque na parte interna da igreja funciona o cemitério do povoado, destino final, morada eterna dos pereirenses.

A igreja atualmente é também espaço das emoções. As histórias contadas sobre o lugar não miram apenas conhecer o que houve por detrás das ruínas, mas engloba também o sentimento do povo.

Edna Furtado, 82 anos, uma das entrevistadas falou sobre a igreja queimada relatando que havia muitos parentes sepultados ali, inclusive uma filha de 23 anos falecida a 18 anos, que também estava lá. “ Eu não gosto nem de ir lá. Eu passo lá, viro até a cara para outro lado para não lembrar que tem gente da minha família”, palavras de Dona Edna expressando saudade de sua filha, do seu esposo e demais parentes.

“Dona Edna”, 82 anos, não gosta de ir à igreja queimada. Porém mesmo assim, ela vai visitar seus parentes falecidos no dia de finados, embora o ambiente lhe suscite tristeza, a saudade e o amor também povoa seu coração. Sobre isso Guimarães (2002) disse que embora topofilia e topofobia em suas definições sejam opostos, eles caminham lado a lado e se relacionam. Esses dois sentimentos podem ser percebidos numa mesma situação. Seja individualmente ou em grupos sociais distintos.

Essa relação topofílica e topofóbica existem no mesmo espaço, e está dentro do processo de enraizamento. Logo, o lugar, está correlacionado ao apego, ao amor, motivos pelo qual todas as contendas e hostilidades existentes nele são esquecidas e suplantadas.

As entrevistas foram feitas em vários dias e, em cada um deles, ao voltar para Ouro Preto, eu parava em frente à igreja queimada e do portão da entrada principal eu procurava, entre as sepulturas, as do meu pai e minha mãe. Fazia uma breve oração, e de coração apertado me dirigia ao portão lateral e seguia até a parte de trás da igreja. Lá eu procurava pela sepultura do meu irmão. Parava um pouquinho e depois ia embora.

Além dos meus parentes eu identificava muitos nomes nas cruzes que eu encontrava ao caminhar naquele lugar. Nomes de pessoas que eu conheci e convivi faziam com meus pensamentos trouxessem à tona tantos momentos de minha vida.

Igreja queimada lugar dos encontros, das emoções, da saudade, do amor e da eternidade, da minha eternidade.

3.4 -Religiosidade e tradição

Ao abordar a religiosidade em Antônio Pereira, levamos em consideração a Igreja Católica, a Igreja Batista e a Assembleia de Deus. Essas denominações estão incorporadas ao distrito cumprindo o papel de permitir aos moradores relacionar-se com o sagrado, e também reforçar a identificação comunitária e consequente transformação da realidade em que vive.

3.4.1. Igreja Católica

Tudo começou em 1722. Segundo o Padre Marcelo Santiago, pároco da paróquia sagrado coração de Jesus (2022), um grupo de crianças brincavam na serra que rodeia o distrito enquanto seus pais recolhiam lenha e deixavam os animais pastarem.

Os relatos da comunidade apontam para o aparecimento de um coelho, as crianças tentaram pegar o gracioso animal, porém ele escapou por entre a mata. Persistentes, as crianças seguiram a procura-lo rompendo o matagal com toda a força. O coelhinho entrou numa cavidade na rocha e desapareceu. As crianças então perceberam sentada numa pedra, uma jovem senhora envolta numa estranha luz.

Figura 25 – Nossa Senhora da Conceição da Lapa



Fonte: Arquivo Comunidade Nossa Senhora da Lapa

Figura 26 – Adro da gruta da Lapa



Assustadas, as crianças correram morro abaixo para contar para as pessoas o que haviam visto. Quando as pessoas foram até a recém achada gruta para ver se o relato das crianças eram verdade, não encontraram a linda senhora, mas avistaram sobre a pedra uma imagem da Imaculada Conceição com características de que estava ali a muito tempo.

Após a descoberta da gruta e difusão da história, pessoas de todos os lugares começaram a se organizarem para visitar a gruta da Lapa em Antônio Pereira.

Ainda hoje muitos romeiros vêm participar da festa da Lapa que passou a ser jubileu. Do dia 01a a 15 de agosto a comunidade celebra sua padroeira.

José Cardoso relata na entrevista que desde 1966 quando chegou a comunidade de Antônio Pereira participa ativamente da festa. Saudoso ele conta da época em que não havia luz elétrica e que todo percurso da procissão em direção a gruta era iluminado por lanternas com velas.

É notório entre os católicos a grande devoção por Nossa Senhora da Conceição da Lapa. Dentre os entrevistados católicos todos se declararam devotos e participantes ativos das celebrações da festa.

Em 2022 a arquidiocese de Mariana informou que a expectativa era de mais de 30 mil peregrinos para a festa da Lapa que completava 300 anos.

Os entrevistados mais jovens também demonstraram acolhimento as tradições católicas e participam ativamente das festividades. Muitos fazem parte de grupo de jovens e pastorais comunitárias. Essa participação dos jovens na festa de Nossa Senhora da Lapa contribui para a manutenção dessa tradição secular. Uma prática que passa de geração em geração. TUAN (2012) diz que a manutenção da tradição de um lugar estreita os laços de amor e reforça sentimento de pertencimento. Sobre essa forte interação dos moradores que vem de gerações repaginando os acontecimentos, porém conservando a essência, HOLTZER (1993) vai reforçar o que Tuan fala do sentido de ligação e afetividade com o espaço.

Em 2012 em reconhecimento do bem espiritual que a gruta da lapa proporciona aos que vão lá buscar alento para suas almas, pela oração, pela devoção, por acreditar que aquele espaço sagrado aproxima as pessoas de Deus e consequentemente promove a paz e o bem-estar da comunidade, Dom Geraldo Lírio Rocha elevou a igreja- capela a Santuário Arquidiocesano

3.4.2 – Igreja Batista

Dentro desse cenário religioso em Antônio Pereira, havemos de destacar também o surgimento a partir dos anos 80 da primeira Igreja Batista em Antônio Pereira.

Lembrando que nos anos 80 Antônio Pereira tinha muitas pessoas em estado de carência, e a Primeira Igreja Batista em Antônio Pereira Contribuiu bastante para uma melhora de vida dos moradores. Somados a este envolvimento social com a comunidade, a Igreja Batista tinha suas manifestações religiosas com horários de cultos e outros momentos de oração.

Sendo assim a Igreja Batista tem relevante importância dentro da vida religiosa de Antônio Pereira e com isso contribui até hoje com o fortalecimento do vínculo entre as pessoas. Atualmente mantém iniciativas no sentido de acolhida, aconselhamentos, pensando numa valorização do ser humano que também passa pela busca de Deus.

3.4.3 – Igreja Assembleia de Deus

Quanto a igreja Assembleia de Deus, sua ênfase está na oração fervorosa. Em 1980 chegou ao distrito de Antônio Pereira, e foi ao longo dos anos oferecendo aos habitantes um caminho para o encontro com Deus.

O Senhor Aristóteles, conhecido no distrito como “Seu Índio” pertence a igreja Assembleia de Deus desde sua fundação. Na entrevista ele enfatiza a seriedade da igreja no trato com os fiéis. O trabalho dessa denominação religiosa está alicerçado no fortalecimento espiritual dos seus seguidores e vem ao longo do tempo se consolidando como indispensável para a religiosidade do povo de Antônio Pereira.

3.4.4 – Considerações sobre a religiosidade

Enfim a comunidade de Antônio Pereira tem outras denominações religiosas, porém o destaque a Religião católica, a Igreja Batista e a Assembleia de Deus se deu por causa da Longevidade que ambas conservam. Por entender que suas iniciativas tiveram papéis fundamentais na moldagem religiosa dessa comunidade simples e acolhedora.

Sobre o papel da religião e da religiosidade Monte (2009) fala que ambas fazem parte da vida do ser humano desde séculos atrás. Ela pensa essa questão a luz do filósofo Durkheim que vê a religião como um agrupamento organizado de

crenças e práticas que formam uma mesma comunidade moral entre todos os seus seguidores.

A religião tem, assim, a função de agregar os indivíduos à sociedade, servindo enquanto um instrumento de controle social, de manutenção da ordem, funcionando como um código moral, um modelo a ser seguido por seus adeptos, dado ênfase, enquanto valor agregado, à regularidade para a sociedade, possibilitando uma reflexão do homem para além de si mesmo MONTE (2009, p.252).

A construção da religiosidade reforça os laços afetivos entre as pessoas, e esse espaço vai se tornando lugar TUAN (2012). A relação entre as religiões em Antônio Pereira acontece de forma cordial, e para além das questões religiosas, existe uma relação de amizade e querer bem.

3.5 - Os moradores partilhando suas memórias

Algumas frases ditas pelos entrevistados e vídeos espontâneos:

- Geraldo Minervino, (63 anos) – levei minha vida quase toda no garimpo. Minha irmã, se falar com ela em tirar ela do “Pereira”, ela fala que melhor que o “Pereira” é só no céu.

- Mariza Inácio, (92 anos) – Antônio Pereira é tudo para mim. Tenho saudades da época que carregava água, lavava roupa na praia, vasilha. A água era limpinha. Hoje não, jogam esgoto no rio.

Na igreja queimada tenho muitos parentes sepultados lá, meus pais, irmãos e avós. Sobre a lenda do cavaleiro, uma vez meu pai juntou com um grupo de homens da comunidade para cercar o cavaleiro, quando ouviram barulho descendo a rua grande, se deram as mãos perto do Largo Santo Antônio, mas passou um pouquinho e eles olharam para trás e viram o cavaleiro do lado. Não passaram por eles, mas apareceu do outro lado.

Sobre Dom Oscar, ele ainda nem era bispo e quando vinha celebrar aqui, brincava com as crianças no gramado em frente à igreja. Naquele tempo era tudo grama.

Sobre sair de Antônio Pereira - Eu tenho medo de tirarem agente daqui por causa da barragem, mas se Deus quiser na vai precisar não.

- Girresse Lúcio (33 anos) – O nome da banda é Associação Musical Nossa Senhora da Lapa, Sou Maestro e Professor de música. Nunca tive ninguém na família que fosse músico. Eu tive uma oportunidade incrível aos 10 anos de idade, o

Maestro na Ocasão era o Josimar. Ele me ensinou tudo. Passei pela juventude na música, conheci tantas coisas. Hoje sou Maestro e espero contribuir com o crescimento dos adolescentes e jovens e que a banda continue firme.

O foco principal da banda é a música, mas paralelo a isso, promove totalmente de forma gratuita as visitas a parques ambientais e participa de eventos religiosos.

- Maria da Lapa (63 anos) – Eu amo Antônio Pereira, teve uma vez que eu queria ir embora para conhecer outros lugares, mas acabei não indo. Nunca saí daqui.

- José Cardoso (76 anos) – João Ponte Alta era gente boa, mas nós tínhamos medo dele. Ele era do tempo que tinha caçadores e ele era um deles. Andava armado e falava que ia atirar na gente.

Sobre as iniciativas em Antônio Pereira, o distrito está se preparando para viver com ou sem mineração. Temos algumas associações que exercem diferentes atividades e estão sobrevivendo. Tem a “Artes Mãos e flores” que faz artesanato. Já participaram de exposição em ouro Preto e vendem até para gente de fora do país. Tem a “Mãos que brilham” que mexe com material de limpeza. A “casa escola” que trabalha com jovens e idosos e a “Casa da Benção” que trabalha com costura, confecção e uniformes escolares e para empresas. Tem gente até de Mariana fazendo pedidos.

Sobre agradecer a Antônio Pereira - Na verdade, eu tenho muito que agradecer a Antônio Pereira, desde 1966 quando cheguei aqui que sou feliz. É claro que a gente não conta as pessoas que a gente perde, nem outras coisas que faz a gente ficar triste. É mais alegria que tristeza. Gosto demais daqui.

- Geraldo Inácio (63 anos) – Nascido e criado em Antônio Pereira, eu tenho saudade de quando eu tocava serviço lá perto da pedreira. Era perigoso por que era mina. Mas era bom, dava para tirar um bom ouro.

Sobre o coqueiro assombrado - Na casa de Dona Almerinda, início da rua da lagoa, tinha um coqueiro assombrado também, a noite as pessoas falavam que jogava pedra em quem passava lá fora de hora. Uma vez eu passei lá vindo para casa e fez um barulho lá dentro, não sei se era abacate caindo ou era assombração. Na verdade, eu corri muito, não sabia o que era. (Risos)

Sobre a festa da Lapa - A festa da Lapa era antiga aqui, a mãe da gente comprava pano e fazia roupa nova para ir à festa. Ô tempo bom!

O povo de São Bartolomeu chegava pela serra. Era gente a pé, gente a cavalo. Tinha a barraca de doces feito em São Bartolomeu, cocada, rapadura, goiabada, pé de moleque, tinha muita coisa.

3.6 - As considerações da juventude

Bianca Talita, uma das entrevistadas, tem 18 anos e relatou na entrevista que não pensa em ir embora de Antônio Pereira. Admitiu a hipótese de se mudar, porém apenas para efeito de trabalho, no caso de ter de trabalhar fora. Mas frisou que não seria de forma definitiva, e que voltaria sempre que pudesse. Bianca disse que estuda em Antônio Pereira, faz alguns cursos de seu interesse promovidos pela Escola e pensa em arrumar trabalho aqui na região mesmo, para ficar perto da família. Se não puder ser assim, em último caso trabalharia em outro lugar, de forma definitiva não tenho vontade.

Os meus pais contam que muitas coisas eles viram acontecer, mas os acontecimentos mais antigos, os mais velhos contavam para eles. Por exemplo a família da minha mãe é daqui, mas a do meu pai chegou depois, mas a muito tempo atrás, disse Bianca sobre a família.

Eu sei muita coisa de Antônio Pereira contada por meus pais e pelos mais antigos da família. Alguma coisa vi na internet, mas são coisas que eles já falaram, não do jeito que falam na internet.

Os meus pais contam histórias de coisas que faziam quando eram jovens e sentem saudade. Bianca confia que talvez seja por isso que eles gostam de Antônio Pereira.

Eles falam de alguns lugares que não tem como acessar hoje porque tem cerca lá. Lugar que buscavam lenha, esterco, vassoura e barro branco para passar no fogão de lenha. Bianca entende que os tempos são outros e que mesmo com as modernidades não pode deixar morrer tradições e costumes do lugar. Ela mesmo faz muitas coisas que aprendeu com os pais como por exemplo ir rezar na gruta da Lapa. Disse que conseguiu muitas coisas recorrendo Nossa Senhora da Lapa.

Eu gosto muito de Antônio Pereira, não penso em ir embora daqui. Não sei explicar por que eu gosto, eu gosto e é isso.

Bianca Talita é integrante da sociedade musical Nossa Senhora da Lapa, e também faz parte do grupo de jovens JOSEMAM (Jovens Semeando Amor)

Edicarlos Lourdes Roberto, nasceu em Antônio Pereira, tem 31 anos e não pensa em mudar da localidade. Seus avós por parte de mãe foram nascidos e criados em Antônio Pereira. Seu avô trabalhou boa parte de sua vida extraindo ouro no leito do rio. Tudo que sabe sobre a história de Antônio Pereira aprendeu de seus familiares, e conversando com pessoas da comunidade. Atualmente trabalha em um supermercado do distrito e não pensa em deixar o lugar. A exemplo de Bianca, Edicarlos admite a hipótese de ter que deixar Antônio Pereira, porém apenas se precisar trabalhar fora. Ele fez questão de dizer que se isso acontecer não será por causa do lugar, mas devido à necessidade.

Destaca como motivo de nunca querer morar em outro lugar, o fato de sua vida ter sido construída toda onde mora. Sua mãe, seus pais, tios, amigos, escola, tudo está em Antônio Pereira. Enfatiza não ter motivos para deixar o lugar que tanto ama.

Edicarlos disse que já leu sobre a história da igreja queimada e acha interessante o que tem escrito sobre o monumento. Pensa ainda que o turismo poderia ser mais explorado sobre a história de Antônio Pereira, pois no distrito tem além das coisas históricas, belezas naturais como as cachoeiras. Ele demonstra certo medo de perder o sossego do lugar, mas entende que seria uma coisa boa.

Antônio Pereira é pequeno mais tem o que precisamos, só precisa de mais apoio dos governantes, mas o resto está bom.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou analisar o comportamento dos moradores de Antônio Pereira ao longo do tempo procurando identificar no comportamento deles, evidências do seu sentimento de pertencimento e práticas que remetessem a paulatina construção do seu lugar.

O sentimento de pertencimento que é resultado de interações abrangentes, que perpassa pelo ambiente familiar, religiosos e outras interações que vão potencializar a criação de vínculos, vai levar em conta também o espaço vivido (BOURDIEU, 1996). É uma realidade percebida em Antônio Pereira.

Nesse contexto a religiosidade é um fator importante que faz com que os moradores de Antônio Pereira criem mais vínculos entre eles. A questão familiar está presente dentro da religiosidade, onde as gerações vão passando e ensinando para os mais novos as tradições e importância delas. Com isso vem sobrevivendo ao tempo e se repaginando a cada momento da história.

O futebol é outro caminho de união do povo pereirense, as gerações vão protagonizando cada um a seu tempo, acontecimentos que os unem cada vez mais.

Não são as conquistas propriamente ditas que fazem do futebol de Antônio Pereira um elo de ligação entre gerações, mas as interações que acontecem em torno dessa prática. O tempo vai trocando as pessoas de lugar, quem antes torcia pelo time à beira do gramado, vigiado pelos pais devido à pouca idade, atualmente veste a camisa e adentra ao campo de jogo para defender o clube. Enquanto que aqueles que faziam o espetáculo antigamente, saem das quatro linhas e se juntam aos torcedores. E assim o futebol vai passando de geração em geração escrevendo sua história e constituindo um elemento importante de interações, reforçando os laços de amor do sujeito com o lugar.

O garimpo do ouro é outro lugar de encontros da comunidade. Espaço onde os moradores retiram seus proventos para subsistirem. É uma forma simples de exploração aurífera, porém bastante necessária, são aplicados nessa atividade recursos rudimentares que não agride tanto o meio ambiente. Enquanto trabalham conversam sobre a comunidade, partilham suas vidas e se ajudam na medida do possível.

É uma forma tradicional de garimpar, e sobre esses garimpeiros tradicionais (DIEGUES; ARRUDA, 2001), vai definir esse estilo como possuidores de uma cultura distinta, passada e reproduzida historicamente entre eles.

Garimpeiros que Saint Hilaire visualizou em Antônio Pereira quando esteve no Brasil nos idos de 1800 e passou por Antônio Pereira. A maior parte destes últimos é gente de cor; vivem apenas da lavagem do ouro, e, quase todos muito pobres para poderem dispor de escravos, são obrigados a trabalhar pelas próprias mãos [...] (SAINT-HILAIRE, 1938, p.143-144)

E assim o garimpo do ouro compõe esse espaço de estreitamento das relações, e se configura indispensável ao povo de Antônio Pereira.

Todos os entrevistados católicos disseram que são devotos de Nossa Senhora da Lapa, lembrando que os entrevistados tinham idade entre 18 e 92 anos, o que leva a entender que é um sentimento que perpetua desde os séculos passados.

Mariza Inácio hoje com 92 anos relatou na entrevista que seus pais e avós também eram devotos de Nossa Senhora da Lapa e sua mãe era nascida no final do século XIX.

O sentimento de Topofilia é percebido nessa na relação da comunidade ao longo do tempo, onde jovens e adultos mediante esse viés religioso foram criando vínculos fortes com lugar. E como já citado aqui, a topofilia é, segundo Tuan, o mais alto grau de ligação e pertencimento a um espaço.

Mas é importante também que a gente entenda que a construção de sentimentos por um lugar não está vinculada somente ao sentimento de apego, de amor (topofilia), nessa relação existe a Topofobia que é o inverso da topofilia, ou seja, a aversão a algum lugar. A Dona Edna Furtado por exemplo, convive ainda hoje com esses sentimentos. Topofilia e Topofobia.

No seu relato ela fala da igreja queimada como lugar da sua eternidade do seu descanso final, lugar onde pretende ficar para sempre ao lado do seu marido, mas expressa também dor e tristeza ao lembrar do marido e da filha que faleceu ainda jovem e está sepultada entre as ruínas da igreja. Uma expressa topofobia que se sucumbe ante o desejo de ser sepultada perto das pessoas que ama. A topofilia predomina dentro dela, contudo se relacionando estreitamente com a topofobia.

O sentimento de topofilia e topofobia aparece de novo na vida de Dona Edna Furtado quando lembra da casa onde morou por toda a vida. A família foi obrigada a sair de lá devido os perigos da Barragem de Doutor que fica do outro lado do rio, não muito longe da sua casa.

A saudade da casa que não existe mais, e dos filhos casados que moravam perto dela, fazem com que se entristeça e não queira voltar onde sempre morou. As lembranças lhe causam dor.

Yi Fu Tuan é o autor que mais vai respaldar o estudo sobre Antônio Pereira, avaliando através dos seus escritos as descobertas feitas durante a pesquisa.

Ele vai dizer que o espaço não pode ser compreendido sem ser experienciado TUAN (1983), logo esses relatos dos moradores constituem uma prova evidente de que o distrito de Antônio Pereira é um recorte de Ouro Preto no qual seu povo incutiu nele valor transformando – o em lugar (TUAN 2012).

Foram múltiplas experiências que marcaram a vida dos pereirenses, o amor ao lugar pelas vias do futebol com seu tradicional time, lavar roupa no rio e buscar lenha como relatou Mariza Inácio. Atividades que no primeiro momento nos leva a pensar em um trabalho árduo, mas para Mariza Inácio remete a momentos de saudade e desejo de revivê-los.

As memórias coletivas também estão presente na construção de Antônio Pereira como lugar de vivência dos seus moradores. Essas memórias estão expressas na lenda conhecida de todos os moradores sobre o coqueiro assombrado que ficava no quintal de Dona Almerinda na entrada da rua da Lagoa, que lá pela madrugada assombrava as imediações. Pelo cavaleiro que cortava o distrito durante a madrugada. E pela figura famosa de “João ponte alta” morador de Antônio Pereira que as crianças e adultos tinham medo. Não era violento, assim relata a maioria dos entrevistados, mas por andar armado e fazer medo nas crianças.

Para BORGES (2017, p. 97-126) a memória é determinada não pela aderência de um indivíduo a um determinado espaço, mas pela aderência do grupo do qual ele faz parte daquele mesmo espaço. O lugar novo o obriga a um novo aprendizado e a uma nova formulação. A memória olha para o passado.

Antônio Pereira é de fato lugar, isso se configura desde a época que (Saint-Hilaire, 1938) relatou sobre Antônio Pereira ao governo Francês em ocasião do seu trabalho de levantar as riquezas dos trópicos.

Eram poucas casas cuja atividade principal era o garimpo artesanal. Foi crescendo em torno dessa atividade, surgiram as tradições como a festa da Lapa. Chegou a luz elétrica, a água, as mineradoras, enfim a medida em que avançava no tempo, o distrito foi empreendendo novas dinâmicas de vida até chegar no presente.

Atualmente segundo José Cardoso um dos entrevistados, Antônio Pereira conta com algumas associações que ensinam atividades diferentes das necessárias a mineração. Para ele é uma forma de se preparar para viver com ou sem o extrativismo mineral.

O distrito conta com “Artes mãos e flores” que atua na confecção de artesanatos. “Mãos que brilham” que fabrica material de limpeza, “Casa escola” que trabalha com jovens e idosos e “Vale da Benção” que atua na confecção roupas, uniformes escolares e uniformes para empresas. Todas essas associações comercializam seus produtos dentro e fora de Antônio Pereira, sendo que a Arte mãos e flores já vendeu seus artesanatos até no exterior.

Então Antônio Pereira tem na atualidade um olhar difuso, onde luta para preservar suas tradições, recorrendo ao passado para não esquecer sua história e manter viva a memória, e os laços que ligam um tempo e outro.

Os jovens não destoam dos sentimentos dos mais antigos. Continuam no tempo de agora a amar Antônio Pereira. Nota-se no jovem um pensamento diferente dos pais e avós, contudo são caminhos diferentes que levam ao mesmo lugar.

Os jovens estão enraizados em Antônio Pereira, os sentimentos de amor que nutrem pelo lugar nasceram com o tempo, e a razão desse amor tem a ver com o amor de seus pais pelo lugar que vivem.

A afetividade do homem com o lugar pode ser definida como “o vínculo emocional firmado com cenários físicos, envolvendo sentimentos derivados da experiência espacial real ou esperada” (FELIPPE; KUHLEN, 2012, p.609-617).

Uma diferença marcante entre quem viveu no passado e a juventude atual é a forma de amar porque o amor é o mesmo, ou seja, os jovens admitem sair de Antônio Pereira para exercer atividade profissional, contudo Antônio Pereira continua e continuará sendo sua morada. Quantos aos antigos esses eram mais resistentes e permaneciam em suas terras, estando sempre perto as pessoas que conheciam. Isso não quer dizer que os jovens amam menos o seu lugar, e sim uma questão de épocas vividas e das possibilidades existentes.

As pesquisas realizadas através de entrevistas com os moradores dão conta de que o rico solo de Antônio Pereira, tão cobiçado pelos capitalistas de plantão, não é a principal riqueza do distrito.

Em primeiro lugar está o seu povo que estabeleceu dinâmicas que provam que são partes integrantes do lugar. Pessoas que continuam a avançar no tempo fazendo com que passado, presente e futuro sejam um só.

Ressaltando que o povo de Antônio Pereira e as riquezas que povoam seu solo coabitam no mesmo espaço, um não exclui o outro, porém a massa humana é soberana sobre tudo o que é material, por isso que o povo é seu bem maior.

Eu na condição de observador participativo, e possuidor de vínculos emocionais com o lugar, pude incutir em minha pesquisa um olhar mais intimista. Vislumbrar após as entrevistas as emoções das pessoas e sentir com elas a grandiosidade do momento, porém tomando as devidas precauções no sentido de que a pesquisa não fosse comprometida.

Mostro minha emoção, meu amor, minha gratidão a Antônio Pereira no poema que segue.

4.1 - Antônio Pereira que te quero sempre

Aos pés do complexo do Espinhaço, na porção sudeste do quadrilátero ferrífero com altitude de 1060m, tem um lugar acolhedor. Um lugar pequeno, dependendo do olhar que pousa sobre ele.

Tem uma serra que nos dias de chuva oportuniza os mais lindos espetáculos. Seu quartzito aflorado emana um intenso brilho ao toque das águas. Cachoeiras se formam e intensificam a beleza do que já é belo naturalmente.

O apito do trem é ouvido algumas vezes durante dia, antes que adentre a montanha e desapareça. Do outro lado na porção leste do quadrilátero, na reserva da biosfera da Serra do Espinhaço, está o morro do Frazão. Quem segue na direção de Catas Altas e Santa Bárbara passa obrigatoriamente ao seu lado. Um privilégio as vezes não compreendido pelos viajantes.

Monte imponente e lindo, guardião de Antônio Pereira. Aos seus pés a barragem da natividade reflete nas suas águas sua colossal beleza.

Quem chega ao lugarejo vindo da primaz de Minas, a belíssima cidade de Mariana, encontra a igreja queimada, suntuosa construção. Os resquícios do século XVIII contrasta com a contemporaneidade dos túmulos. A história ganha novos rumos, e agora valores emocionais também precisam ser levados em conta. Da porta da igreja queimada se avista a gruta da Lapa, uma majestosa cavidade na pedra, morada de Nossa Senhora da Lapa padroeira do distrito.

Em 1980, eu ainda com dez anos, juntamente com mais oito irmãos, meu pai e minha mãe chegávamos em Antônio Pereira. Nossa morada era uma casa simples, mas nossa. Ali começou uma história de amor que perdura até hoje. Antônio Pereira foi provendo a minha família tudo que precisávamos. Terra que cuidou de nós, e foi como num abraço, acolhendo um por um da minha família. Solo que absorveu minhas lágrimas, nos momentos de dor, terra que me viu crescer, que me aceitou do jeitinho que eu era e sou. Terra que aprendi a amar com todas as minhas forças.

O tempo passou, eu cresci. Meu pai faleceu, depois um dos meus irmãos, depois minha mãe. Foram todos para a igreja queimada onde foram sepultados se misturando ao solo que nos acolheu com amor.

Eu casei e fui morar na sede do município, a belíssima cidade de Ouro Preto. As circunstâncias me levaram para lá, mas comigo foi também Antônio Pereira. Lugar que nunca saiu de mim.

Quando o meu coração parar de bater, se eu ainda estiver na cidade de Ouro Preto, eu quero voltar para Antônio Pereira, para meu povo. Solo que me deu ouro, para eu ajudar em casa, terra que plantamos, que colhemos, que me deu alimentos. Que meu corpo se misture as terras que acolheu a mim e minha família. Antônio Pereira e eu somos um.

Hoje estou com 54 anos, e o amor só aumenta. Espero que não tirem Antônio Pereira de nós “pereirenses”, que o capitalismo que nos cerca não apague nossa história, preserve nosso chão, nossas memórias, o lugar de nossos sonhos.

Nunca existirá “Novo Antônio Pereira” Antônio Pereira é único e insubstituível. Antônio Pereira que amo, Antônio Pereira que te quero sempre, para sempre.

Roberto dos Santos
Geografia

REFERÊNCIAS

- ALMADA, Emmanuel Duarte. **O que vale é a vida! Comunidade Garimpeira de Antônio Pereira se organiza na luta por direitos.** 2022. Jornal A Sirene.
- ANDRADE, Bernardo Alves de Brito, et al. **Inventário do Distrito de Antônio Pereira Ouro Preto, MG.** Ouro Preto, MG: Prefeitura Municipal de Ouro Preto, 2007.
- ARISTÓTELES, José. **Entrevista XIII.** [dez.2023]. Entrevistador: Roberto dos Santos, Antônio Pereira, 2023, entrevista cedida em 12/12/2023).
- BORGES, Gerson Kaio Lima. **Memória, imagem e lugar: sobral, maneiras de ver e imaginar o bairro junco.** Revista Homem, Espaço e Tempo. v. 11, n. 2. Sobral – CE, 2017. p. 97-126.
- BOURDIEU, P. Marginalia. **Algumas notas adicionais sobre o dom.** v. 2, n. 2, 1996. p. 7-20.
- BUTTIMER, Anna. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido.** In: CHRISTOFOLLETI, Antônio. **Perspectiva da Geografia.** São Paulo: Difel, 1982.
- CARDOSO, José. **Entrevista VII.** [dez.2023]. Entrevistador: Roberto dos Santos, Antônio Pereira, 2023. Entrevista cedida em 18/12/2023
- COELHO, P. P. **O germe da insurreição para além da metrópole: narrativas da participação e da luta popular em Antônio Pereira, Ouro Preto - MG.** 216 p. 2017.
- COMISSÃO OURO-PRETANA DE FOLCLORE. **Manifestações da cultura popular de Ouro Preto: comissão Ouro-pretana de folclore.** Ouro Preto: 2014
- CORREIA, Marcos Antonio. **Ponderações Reflexivas Sobre a contribuição da Fenomenologia à Geografia Cultural.** RA' EGA. Curitiba, v.11, p.67-75, 2006.
- Editora UFPR DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. (Org.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.
- DIONISIO, Pamela Marcia Ferreira. **A construção do sentimento topofílico: o enfoque sobre o sub-bairro de Amovila (Vista-Alegre).** Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, 2017.
- FELIPPE, M. L.; KUHNEN, A. **O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa-ambiente: práticas de pesquisa.** Estudos de psicologia (Campinas), v.29, n. 4, p.609-617, 2012.
- FURTADO, Edna. **Entrevista IV.** [dez.2023]. Entrevistador: Roberto dos Santos, Antônio Pereira, 2023. Entrevista cedida em 15/12/2023
- GUIMARÃES, D. 1931. **Contribuição à Geologia do Estado de Minas Gerais.** Rio de Janeiro, SGM, 36p. (Boletim. 55)

Guimarães, S.T.L. (2002). **Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental.** *Geosul*, 17(33), 117– 142.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Ed. Centauto, 2004

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana.** São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HOLTZER, W. **A geografia humanista anglosaxônica: de suas origens aos anos 90.** *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, v. 55, n. 1/4, p. 109-145, 1993.

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista – sua Trajetória de 1950 a 1990.** Rio de Janeiro, UFRJ/PPGG, 1992. (Dissertação mestrado). 550 p. 2 v.

INÁCIO, Geraldo. **Entrevista XIV.** [dez.2023]. Entrevistador: Roberto dos Santos, Antônio Pereira,2023, entrevista cedida em 12/12/2023).

INÁCIO, Mariza. **Entrevista I.** [dez.2023]. Entrevistador: Roberto dos Santos, Antônio Pereira,2023. Entrevista cedida em 15/12/2023

LOWENTHAL, David. **Como Conhecemos o Passado. Projeto História – Revista do programa de estudos pós-graduados de história,** São Paulo, v. 17, p. 63-201, 1998.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social.** *Didática*, São Paulo, v. 26/27, p. 154, 1990/1991.

MARTINS, J. et al. **A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações.** In: *Cadernos da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos*, v. 1, n. 1, São Paulo, SP: A Sociedade, 1990. p. 33-48.

MINERVINO, Geraldo. **Entrevista IX.** [dez.2023]. Entrevistador: Roberto dos Santos, Antônio Pereira,2023. Entrevista cedida em 21/12/2023

MONTE, T.M. **A religiosidade e sua função social.** *Revista Inter-Legere*.2009, n.05, p.252

NUNES. Wilson. **Entrevista XII.** [dez.2023]. Entrevistador: Roberto dos Santos, Antônio Pereira,2023. Entrevista cedida em 21/12/2023

OURO PRETO. **Inventário do distrito de Antônio Pereira. Secretaria Municipal de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano,** 2007

OZZORI, Manoel. **Almanack administrativo, mercantil, industrial, científico e litterario de municipio de Ouro Preto**. Anno 1. Ouro Preto: Typographia da Ordem, 1890. P. 97-100

PEDRO II, Imperador do Brasil. **Viagem a Minas Gerais** – 1ª Parte. 26/03 a 19/04/1881a. Volume 24.

PREFEITURA MUNICIAPAL DE OURO PRETO. **Antônio Pereira**. Disponível em:< <https://www.ouropreto.com.br/distritos/antonio-pereira>>. Acesso em 18 de janeiro de 2024.

QUEIRÓZ, Maria das Dores. **Entrevista XI**. [dez.2023]. Entrevistador: Roberto dos Santos, Antônio Pereira,2023. Entrevista cedida em 21/12/2023

RELPH, Edward. **An inquiry into the relations between phenomenology and geography**. *Canadian Geographer*. 14 (3) : 193-201., 1970.

RELPH, Edward. **As bases Fenomenológicas da Geografia**. *Rev. Geografia, Rio Claro*, vol. 4, nº 7, p.1-25, 1979.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.
Revista Geográfica de América Central, Número Especial EGAL, Costa Rica, jul./dez. 2011, p. 1-15. Disponível em: <https://jornalasirene.com.br/todas/2022/04/15/o-que-vale-e-a-vida-comunidade-garimpeira-de-antonio-pereira-se-organiza-na-luta-por-direitos>. Acesso em: 18 jan. 2024.

ROBERTO, Edicarlos de Lourdes. **Entrevista II**. [dez.2023]. Entrevistador: Roberto dos Santos, Antônio Pereira,2023. Entrevista cedida em 12/12/2023

ROSA, Maria da Lapa. **Entrevista VI**. [dez.2023]. Entrevistador: Roberto dos Santos, Antônio Pereira,2023. Entrevista cedida em 22/12/2023

SAINT-HILAIRE, **Auguste. Viagem pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Tomo I. p. 143-144. Disponível em <http://brasilianadigital.com.br/obras/viagem-pelas-provincias-do-rio-de-janeiro-e-minas-gerais-t-1/pagina/377/texto>> Acesso em 18 de janeiro de 2024

SANTOS, Bianca Talita dos. **Entrevista III**. [dez.2023]. Entrevistador: Roberto dos Santos, Antônio Pereira,2023. Entrevista cedida em 15/12/2023

SILVA, Girressi Lúcio da. **Entrevista VIII**. [dez.2023]. Entrevistador: Roberto dos Santos, Antônio Pereira,2023. Entrevista cedida em 21/12/2023

TUAN, Y. (1982) **A Geografia Humanística**. In: CHISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, p.143-164.

Tuan, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. 1930. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Space and place: humanistic perspective**. In: GALE, S. OLSSON, G. (orgs.). **Philosophy in Geography**. Dordrecht : Reidel, 1979, p. 387-427

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

VAZ, A. C. de S.; ANDRÉ, B. P. **Construindo identidade no espaço escolar: percepções de professores sobre o sentimento de pertencimento dos seus alunos e a construção da cidadania**. COLOQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO, 4, 2015

APÊNDICE I

Partilhando os caminhos até o TCC

Eu e a Geografia, o começo de tudo

A escolha do tema de minha pesquisa se deu quando estava no 4º período do curso de Licenciatura em Geografia. O professor Igor Torres ministrava a disciplina “formação territorial do Brasil”.

Numa das aulas falávamos sobre território, territorialidades, uma palavra diferente e ausente do meu vocabulário foi dita em tom bem sonoro.

Fenomenologia foi a palavra que o professor Igor usou para nos ajudar a compreender as questões territoriais. Conceituou o termo e disse que mais à frente iríamos falar muito em fenomenologia na disciplina “Geografia Humanista e Cultural”.

A explicação dada por ele foi o suficiente para acender em mim o desejo de trazer o distrito de Antônio Pereira nesse véis fenomenológico.

E assim fui construindo o projeto sob a orientação dos professores que foram me ajudando a lapidar a ideia.

Escolhi o professor Ramon para me orientar, devido ao fato de que durante o curso da disciplina “Geografia Humanista e Cultural” ele me fez ver que a geografia também se preocupa com a vivência das pessoas, os seus sentimentos em relação ao lugar onde vivem, suas construções por mais simples que seja. Eu que amava a Geografia, passei a amar muito mais ao saber que a visão geográfica sobre o mundo abarca também o que está dentro das pessoas.

Foi então que a ideia de mostrar o povo de Antônio Pereira, numa perspectiva dos seus sentimentos, memórias e pertencimento ao lugar, se formou dentro de mim e então pude pelas vias do meu trabalho de conclusão do curso poder da vida a esse pensamento. Tuan foi o responsável por validar a minha ideia de querer mostrar a essência dos moradores de Antônio pereira.

A Geografia Humanista procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar (TUAN, 1982)

E assim a ideia foi sendo refinada ao longo dos semestres e se tornando realidade. Até que chegou a hora de começar a transformá-la em projeto.

No início eu senti muita dificuldade de construir o trabalho, mas as orientações foram primordiais para que aos poucos as coisas fossem se desenvolvendo e tomando forma.

Momento difícil da caminhada

Quinto período, hora de preparar o projeto e apresentar a ideia. Era uma coisa nova em minha vida, confesso que fiquei um pouco perdido e pensando que não conseguiria realizar essa tarefa. Mas a ideia de apresentar Antônio Pereira num viés fenomenológico não me deixava desistir.

Aos poucos as orientações dos professores foram clareando as coisas e o projeto ia tomando forma.

Mas houve um momento que eu quase desisti. E a causa dessa quase desistência, foi a saúde do meu irmão e companheiro. Parceiro da bola, das andanças, das resenhas, da vida.

Precisou amputar as duas pernas...as pernas que outrora faziam maravilhas nos gramados da região e que na mocidade dava a ele a mobilidade necessária para brincar e fazer tantas outras peripécias.

Num certo dia conversando com ele, me fez compreender que na vida é preciso caminhar, mesmo sem as pernas. Disse para mim que na vida nada é absoluto, nada é acabado, e sendo assim existe outras formas de caminhar.

Então segui em frente e fui partilhando como estava indo minha caminhada.

Deus existe e teceu meus passos

Minha trajetória acadêmica vem desde o ano de 1977 quando aos 07 anos de idade ingressei no 1º ano. Daí em diante o caminho foi muito tortuoso. Alguns períodos na escola, outros inativos, devido a uma série de motivos. No ano de 2005 eu concluí o 2º grau. Essa conquista só foi possível pelas vias do supletivo 2000. Eu estudava em casa e fazia as provas no SESI – MARIANA. Um ponto a destacar nessa minha fragmentada caminhada acadêmica foi que lá em casa tinha uma enciclopédia vermelha. Um conjunto de livros que meu pai comprou no início dos anos 80. Eu adorava ler, tentava fazer as atividades preparatórias para vestibular. Nela aprendi sobre a União Soviética, fiquei sabendo que *Neil Armstrong foi o primeiro homem a pisar na lua*, conheci Drummond, Castro Alves e outras tantas coisas.

O tempo passou, eu casei e mudei para Ouro Preto. Deixei com o coração partido meu cantinho querido, lugar onde vivi boa parte da minha singela vida. Mas Antônio Pereira era logo ali, e de vez em quando ia até lá rever as pessoas que amo e matar a saudade.

Meu filho nasceu e algum tempo depois ele começou a estudar. Quando foi para escola meu filho Antônio Roberto já sabia ler. A Geografia naturalmente o brindou com elementos geográficos importantes contidos no seu espaço de vivência.

Através da mobilidade Urbana ele aprendeu português, prestava atenção nos itinerários dos ônibus e com isso foi entendendo onde cabia cada letra.

Com o número dos ônibus e das casas construiu os primeiros saberes matemáticos. Os ônibus que vinham dos distritos ajudavam na compreensão acerca de localização.

Eu tive a honra de mediar, de fazer a ponte entre ele, o conhecimento e a Geografia.

Em 2020 eu consegui entrar no IFMG - INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS – CAMPUS OURO PRETO para cursar Geografia. Caminho que trilho até hoje. Sonho que começou em 1977.

O TCC – trabalho de conclusão de curso

O TCC se tornou tão prazeroso que não mais admiti a hipótese de não concluí-lo. Passou a ser meu pensamento diário e mola propulsora.

Me lembrava do esforço dos meus pais, da força do meu irmão, do apoio da família que Deus me conferiu cuidar e fui dando passos lentos e cadenciados, até que cheguei onde estou.

Esse TCC vem mostrar a vida de um povo que na verdade é meu povo. Traz as vivências dos “pereirenses” que mostra que são pertencentes de corpo e alma a aquele lugar escolhido para viver.

No TCC não falo de emoção, é claro que esse sentimento aflora o tempo todo, mas é por causa da profundidade dos relatos que denotam profundo amor ao lugar. A emoção brota do íntimo de cada um e a razão disso acontecer são os estímulos emocionais que se fazem real na relação entrevistador e entrevistado.

Os dias de entrevistas foram intensos. Lembranças dos tempos idos, saudade de pessoas que não estavam mais lá. Lágrimas de dor e amor que ao caírem no chão se misturavam ao solo amado.

Os mais jovens falavam de esperança, de um futuro a ser construído em Antônio Pereira, sem a ameaça da barragem de Doutor que aos pés da serra os enchem de preocupação.

E assim minha pesquisa chega ao fim tendo como resultado final a certeza de que os moradores de Antônio Pereira amam verdadeiramente o lugar onde vivem e desejam viver os seus dias sobre aquele solo riquíssimo.

Em meio a riqueza que permeia todo o território de Antônio Pereira, emerge nessa pesquisa seu maior bem: os moradores do lugar.